

**FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS – FBMG**

**SERGIO REIS CARDOSO**

**VOCAÇÃO MINISTERIAL: Uma análise bíblica à luz das epístolas pastorais.**

**BELO HORIZONTE**

**2017**

**SERGIO REIS CARDOSO**

**VOCAÇÃO MINISTERIAL: Uma análise bíblica à luz das epístolas pastorais.**

Monografia apresentada à Faculdade Batista de Minas Gerais - FBMG, como requisito parcial para à obtenção do título de Bacharel em Teologia

Orientador Me. Hélio Alves de Oliveira

**BELO HORIZONTE**

**2017**

## **SERGIO REIS CARDOSO**

**VOCAÇÃO MINISTERIAL: Uma análise bíblica à luz das epístolas pastorais.**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**ORIENTADOR: Ms. Prof. Hélio Alves de Oliveira**

---

**CONVIDADO: Ms. Prof. Wagno Alves Bragança**

---

**CONVIDADO: Ms. Prof. Ozenildo Santos Xavier Rocha**

---

**COORDENADOR: Dr. Prof. Reinaldo Arruda Pereira**

## **DEDICAÇÃO**

Primeiramente ao bom Deus que me proporcionou a oportunidade de trilhar no meio acadêmico, onde tive experiências maravilhosas. A minha querida mãe que durante toda sua vida procurou zelar por nossa segurança e conforto, e que sempre me apoiou nos momentos difíceis que atravessei. Ao meu pai (in memoriam) que me ensinou a enfrentar as dificuldades da vida, e que me traz ótimas recordações. Aos meus irmãos e irmãs que incondicionalmente sempre estiveram ao meu lado. A minha esposa amada, companheira de tantas lutas e que sempre me incentivou a permanecer firme nesta jornada, e que está nos presenteando com o fruto do nosso amor.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que de certa forma contribuíram para a realização deste trabalho. Sou grato a Deus, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito. A minha família e amigos, que sempre me apoiaram e incentivaram a conquistar meus sonhos e permaneceram ao meu lado em todos os momentos. Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi, e aos professores que muito admiro. Ao Prof.º Me. Hélio que me orientou e acompanhou, transmitindo-me tranquilidade.

## **UMA BREVE CITAÇÃO**

“Portanto, não se envergonhe do testemunho de nosso Senhor, nem do seu prisioneiro, que sou eu. Pelo contrário, participe comigo dos sofrimentos a favor do Evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação, não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus”. 2 Timóteo 1:8-10 (*Nova Almeida R.A*)

## RESUMO

A vocação ministerial para o desenvolvimento da caminhada cristã parte do chamado de Deus, e a partir do relacionamento dos membros da igreja se forma a comunidade dos santos. E a resposta a esse chamado se traduz na ortopraxia cristã voltada para Deus com a finalidade de cumprir a Sua missão. Portanto Deus convida os vocacionados para a salvação, para o serviço ministerial cristão e para uma caminhada digna que envolve a piedade e o amor. Esta pesquisa está dividida em três capítulos: O segundo trata da vocação ministerial e sua práxis; o terceiro capítulo visa descrever o contexto das epístolas pastorais no que se diz respeito aos falsos mestres e suas doutrinas, bem como a contextualização religiosa da cidade de Éfeso e Creta; e finalmente o quarto, apresenta um contraste dos desafios descritos nas epístolas pastorais com a realidade pós-moderna. A partir do cenário das igrejas localizadas em Éfeso e em Creta, busca igualmente responder a duas importantes questões que envolvem a postura ética e moral na prática da caminhada cristã: O que é vocação? Vivemos hoje uma crise de vocação? Quanto à vocação, qual é a resposta da igreja para o tempo atual?

Palavras-chave: Vocação. Ortopraxia cristã. Sincretismo. Fidelidade. Sã doutrina.

## **ABSTRACT**

The ministerial vocation for the development of Christian walk part of God, and from the relationship of church members formed the community of Saints. And the answer to this call translates in the Christian God oriented orthopraxis in order to fulfill its mission. Therefore God invites for salvation, for the Christian and ministerial service for a worthy walk involving mercy and love. This research is divided into three chapters: the second deals with the ministerial vocation and your Praxis; the third chapter aims to describe the context of pastoral Epistles in respect of false teachers and their doctrines, as well as the religious context of the city of Ephesus and Crete; and finally the fourth, features a contrast of the challenges described in the pastoral Epistles with the post-modern reality. From the scenario of the churches located in Ephesus and in Crete, also search answer two important questions involving ethics and moral stance in the practice of Christian walk: what is vocation? We are now living a crisis of vocation? About the vocation, which is the Church's response to the current time?

Keywords: Vocation. Christian orthopraxis. Syncretism. Fidelity. Sound doctrine.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
---------------------------	-----------

<b>2. VOCAÇÃO MINISTERIAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 O QUE É VOCAÇÃO.....	13
2.1.1 <b>Vocação, um chamado a ortopraxia na vida cristã .....</b>	<b>14</b>
2.1.2 <b>A vocação e a organização ministerial cristã .....</b>	<b>16</b>
2.2 A VOCAÇÃO E OS DONS ESPECIAIS .....	18
2.2.1 Os apóstolos.....	19
2.2.2 Os profetas .....	21
2.2.3 Os evangelistas .....	23
2.2.4 Os pastores/mestres .....	26
2.2.5 Os bispos e diáconos .....	32
<b>3. A VOCAÇÃO DE TIMÓTEO E TITO.....</b>	<b>37</b>
3.1 AS EPÍSTOLAS À TIMÓTEO .....	38
3.1.1 Quem foi Timóteo?.....	40
3.1.2 Éfeso e seu contexto religioso.....	41
3.1.3 O judaísmo pagão em Éfeso.....	42
3.2 A EPÍSTOLA A TITO .....	44
3.2.1 Quem foi Tito? .....	44
3.2.2 A ilha de Creta e seu contexto religioso .....	45
3.2.3 Os falsos mestres e as heresias em Creta .....	46
<b>4. AS PASTORAIS E OS DESAFIOS PÓS-MODERNOS.....</b>	<b>48</b>
4.1 CONTEXTUALIZANDO AS EPÍSTOLAS AOS DIAS ATUAIS .....	48
4.1.1 Os falsos mestres na atualidade.....	50
4.1.2 O sincretismo religioso, uma realidade do nosso tempo .....	51
4.2 A VOCAÇÃO MINISTERIAL PASTORAL.....	55
4.2.1 A <b>sã doutrina e a defesa da fé cristã em nossos dias.....</b>	<b>56</b>
4.2.2 <b>Ensinar a <b>sã doutrina, um desafio contemporâneo .....</b></b>	<b>58</b>
4.3 A FIDELIDADE MINISTERIAL PASTORAL .....	62
4.3.1 <b>Vocacionados para a ortopraxia cristã.....</b>	<b>64</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta uma análise Bíblica sobre a vocação, com a finalidade de apontar suas particularidades e conceituar, de forma mais clara os princípios éticos e morais que norteiam o perfil de um vocacionado ao ministério pastoral e suas responsabilidades para o cumprimento da ortopraxia ministerial cristã.

O tema desta monografia “VOCAÇÃO MINISTERIAL: uma análise Bíblica à luz das epístolas pastorais”, nasceu de uma inquietação pessoal que envolve o meu coração, considerando também, ser o motivo de preocupação para todos aqueles que estão envolvidos diretamente com a liderança das igrejas locais, e que tem o objetivo de organizá-la, para uma melhor atuação dos vocacionados no mundo.

Esta análise se desenvolverá a partir da pesquisa bibliográfica, na revisão de literaturas de alguns autores que trabalham com temas que envolvem a vocação ministerial pastoral. Sendo as obras do autor Russel N. Champlin, Antigo Testamento (2011) e Novo Testamento interpretado versículo por versículo (2014), em sua Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia (2013), onde se buscará em seus comentários, interpretações e conceituações necessárias para a compreensão e embasamento dos princípios normativos que envolvem o vocacionado ao ministério, tendo como referência Timóteo e Tito. A obra de Ronaldo Lidório, “Vocacionados” (2015), que trata da vocação ministerial e suas práticas no exercício do chamado para a caminhada cristã, bem como algumas crises do vocacionado; a obra de Irland Pereira de Azevedo “De pastor para pastores” (2001), onde retrata o seu testemunho pessoal, mostrando através de suas experiências conceitos claros e fundamentais para o exercício da vocação pastoral; buscar-se-á na obra de Pfeiffer, Voz e Rea, “Dicionário Bíblico Wycliffe” (2006), a elucidação de conceitos diversos, e informações referentes às epístolas pastorais.

No decorrer da pesquisa, foram utilizados outros autores como Low e Nida, Léxico Grego Português do Novo Testamento (2013), Reid, Dicionário Teológico do Novo Testamento (2012), Halley, Manual Bíblico de Halley (2001) e demais obras constantes nas referências, de acordo com a fundamentação que foi necessária.

Como hipótese, se investiga evidenciar as responsabilidades dos vocacionados de forma geral, e também daqueles que são chamados para ofícios específicos, a fim

de identificar qual é a sua posição na administração da igreja, qual o seu papel junto à sociedade cristã e à comunidade em geral. O que nos possibilitará habilitar nossa liderança através de ensinamentos práticos que por sua vez nos auxiliará no aperfeiçoamento do caráter de um líder vocacionado que serve e agrada a Deus.

Esta pesquisa também tem como objetivo, trazer luz ao objeto proposto “vocação ministerial”, com o foco na percepção do que é vocação; buscando igualmente a elucidação para compreensão de ministério pastoral e as implicações de suas funções. À vista disso, busca-se responder às seguintes questões: o que é vocação? Vivemos hoje uma crise de vocação? Quanto à vocação, qual é a resposta da igreja para o tempo atual?

Este trabalho possui um aspecto teológico, onde busca conhecer o propósito de Deus para o homem, e prático, porque tem a finalidade de esclarecer o sentido da vocação para a práxis cristã. Esta análise, poderá ser utilizada como um instrumento de orientação para a liderança pastoral e à igreja de modo geral, e se justifica porque tem como fundamento de pesquisa a Escritura Sagrada, que por sua vez norteará a busca e a identificação do perfil de líderes pastores que a Bíblia descreve como aptos ao exercício do ministério cristão.

Portanto, essa pesquisa convida o leitor a uma análise bíblica reflexiva às questões referentes às responsabilidades ministeriais cristã, e também de todos aqueles que compõem a igreja, e mais precisamente, dos líderes e pastores vocacionados à administração eclesiástica. Conscientes disso, aqueles que se entregam pela causa dos justos, (daqueles que são justificados pela graça de Deus), de fato, caminham dentro do propósito de Deus, onde ouvem e respondem ao Seu chamado.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No segundo capítulo, conceituou-se “vocação”, “ministério” e “dons”. Onde foram analisadas a etimologia de algumas palavras, e suas implicações no que se refere ao chamado para o exercício no ministério da igreja; distinguir quais são os dons especiais da igreja; identificar o perfil de um líder vocacionado ao ministério pastoral, e discernir o sentido da vocação ministerial.

No terceiro capítulo, foi apresentado o contexto das epístolas pastorais com a finalidade de compreender quanto a vocação de Timóteo e Tito no exercício do

ministério pastoral, a fim de conhecer os desafios encontrados por esses dois jovens em Éfeso e em Creta; quais foram as suas dificuldades e como superaram tais desafios; com a finalidade de assimilar quais são as responsabilidades dos crentes de forma geral, conforme os instruiu Paulo. À vista disso, se faz necessário compreender que essa liderança foi vocacionada para liderar em um momento crítico que a igreja estava atravessando.

Por fim, no quarto e último capítulo, ao contextualizar as informações obtidas na análise proposta, com o propósito de chamar a atenção dos envolvidos no ministério pastoral contemporâneo a respeito do que envolve o ensino da sã doutrina, bem como a conscientização do chamado e da importância do conhecimento teológico para uma boa apologética no nosso tempo. Isto porque, um dos grandes desafios da igreja é o de proclamar o reino de Deus anunciando as boas novas de Cristo através da prática cristã e do ensino das Escrituras Sagradas, que são pautadas na verdade e na fidelidade.

Portanto, há de se perceber que não foi possível abordar de forma mais ampla todos os conceitos que abrangem as qualificações para a vocação ministerial e suas diversas atribuições, bem como a estrutura da igreja em seus pormenores, nem mesmo o contexto geral das epístolas pastorais com profundidade, sendo limitando apenas aos pontos observados, que pelos quais em primeiro momento foram suficientes para esta pesquisa.

## 2. VOCAÇÃO MINISTERIAL

Ao conceituar a vocação ministerial e suas atribuições, almeja-se que o cristão perceba quais são as responsabilidades de um vocacionado,<sup>1</sup> a fim de que ele possa desenvolver suas habilidades junto ao corpo de Cristo; como nos orienta Paulo;

Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós; somos membros do mesmo corpo, trabalhando para a edificação de todos, em Cristo Jesus nosso Senhor (Ef 4.5,6 – Nova A.R.A, 2017).

A unidade dos vocacionados torna a igreja o corpo de Cristo. E como líderes chamados para a edificação deste corpo, cada um tem a responsabilidade de exercer a sua vocação, segundo o chamado de Deus. Por conseguinte, qual é a natureza desta vocação?

### 2.1 O QUE É VOCAÇÃO

Pode-se afirmar que a vocação se trata de um chamado de natureza divina, direcionado para um serviço divino e especial. “Todos os redimidos são, portanto, chamados por Deus e para Deus” (LIDÓRIO, 2015, p.8). Para Azevedo, em seu livro “De pastor para pastores”, “A vocação ou chamada divina é mistério, pois, Deus chama pessoas comuns para uma obra incomum” (AZEVEDO, 2001, p.173).

O chamado de Deus implica a três acontecimentos; primeiro Ele chama para a salvação, que é universal, onde todos tem a oportunidade do perdão; Ele chama também para o serviço, que envolve uma missão divina onde o exercício da vocação pode ser individual e específico; por fim, Ele chama para uma caminhada dignidade que envolve todos os vocacionados. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006).

O chamado de Deus para o homem se resume na oportunidade para se aproximar D’ele, com o fim de um relacionamento, onde ambos possam caminhar juntos para o cumprimento da missão referente ao Seu chamado. E ao apreender o chamado de Deus, aquele que é convidado, certamente será habilitado para o

---

<sup>1</sup> A vocação é uma tendência ou inclinação, e também um talento. (BUENO, 2016, p.845).

exercício de suas funções no ministério, a ele designado. Não obstante, a vocação é intrínseca àqueles que de fato são chamados segundo o propósito de Deus.

De acordo com o Evangelho de Mateus 28.19,20, “Vão, portanto, façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até a consumação dos séculos”. No texto apontado há um chamado individual aos vocacionados, para cumprir uma missão, que ora é deliberada por Jesus: “Portanto vão, façam discípulos [...]”; aqui se percebe que a vocação para o cumprimento de uma missão específica, que envolve o homem e a sua atuação na igreja para o mundo, desta forma, espera-se daqueles que são chamados, “indo caminhando”, façam discípulos.<sup>2</sup>

Portanto, a vocação pode ser distinguida de duas formas; <sup>3</sup> primeiro ela é universal, porque é um chamado a toda humanidade para a salvação; segundo, a vocação é individual, porque se trata de um chamado para o serviço, e também, para uma missão específica. Dada a importância da vocação, é indispensável que se analise algumas questões que dizem respeito a esta temática que envolve a prática do exercício vocacional ministerial.

### **2.1.1 Vocação, um chamado a ortopraxia na vida cristã**

Ao assimilar o conceito de vocação observando suas “práxis e a ortopraxia” cristã,<sup>4</sup> há de se contextualizar com a realidade da igreja para exercício vocacional junto à comunidade eclesial. Diante disso, o que diz o dicionário Bíblico de Wycliffe a respeito do conceito de vocação cristã?

Vocação ou chamado corresponde ao convite de Deus, e nada tem a ver com a vocação de um homem no sentido de negócios, profissão ou emprego. Primeiro Deus chama ou convida os pecadores para que sejam salvos (Mt

---

<sup>2</sup> Discípulo – é aquele que aprende com alguém, ou o que segue os princípios de um mestre[...]. Mas, preeminentemente, confere-se a qualidade de discípulo, de modo geral, aos que seguiam Jesus (Mt 10.42), ou de modo restrito, aos apóstolos (Mt 10.1). (FIGUEIREDO, 2013, p.167).

<sup>3</sup> Deus chama toda sua igreja para a salvação e a missão, portanto somos todos vocacionados para servi-lo com tudo o que somos e temos em Cristo Jesus. (LIDÓRIO, 2015, p.17).

<sup>4</sup> Práxis, ortopraxia. Ação reflexiva e responsiva ou manifestação prática do conhecimento adquirido por meio da experiência concreta e da reflexão sobre ela. Ortopraxia – que literalmente significa “prática correta”, é viver a verdade conhecida e experimentada da fé cristã em amor e em justiça. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013, P.107)

11.28), segundo, chama os justos para servirem-no (Gl 1.15,16), e a se conduzirem dignamente (1 Ts 2.12). [...] A palavra “vocação” em Efésios 4.1 está relacionada com o chamado de Deus aos crentes para caminharem adequadamente (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.2025).

Deus chama a humanidade<sup>5</sup> para uma caminhada cristã que envolve a salvação, o serviço ministerial cristão, que abarca também uma caminhada digna. Desse modo, a salvação é um presente recebido por aquele que reconhece ser um pecador, e que sozinho não pode se salvar do justo juízo de Deus, que está sobre a humanidade pecadora. À vista disso, Deus chama também para uma mudança de comportamento, como afirma Pfeiffer;

A chamada depende do propósito de Deus (Rm 8.30; 9.11), estabelecido através da dádiva de sua graça (Gl 1.6,15), e alcança os homens através da proclamação do Evangelho (2Ts 2.14) tornando-se, desta maneira, a única esperança de salvação para a humanidade (Ef.4.4). A chamada está dirigida não só para a salvação do homem, como também ao seu comportamento. Assim, os cristãos são chamados não só à pureza, mas à santificação (1Ts 4.7), à paciência em meio ao sofrimento (1Pe 2.12), à liberdade (Gl 5.13) e a viver em paz (1Co 7.15) (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.407).

Este chamado, compreendido também como um convite de Deus ao homem, tem o propósito de conduzi-lo a uma caminhada cristã, não só para a salvação, mas igualmente para a prática de uma missão. Sendo assim, há de se considerar que há um chamado para o cumprimento também, de uma missão específica. Missão esta evidenciada a partir da convocação de Deus, que se estabelece no coração do homem que visa o cumprimento do Seu propósito. Acerca disso, Lidório em seu livro “vocacionados”, sustenta que:

O Chamado e/ou a vocação são termos similares na palavra de Deus e derivam da expressão Καλέω- Kaleo, e que também indica chamar ou convocar. Na palavra de Deus, todos os discípulos de Cristo são chamados – convocados – para o seguirem e, em todo o Novo Testamento, vemos que Deus chama para muitos propósitos (LIDÓRIO, 2015 p.7).

Destaca Lidório que “a pessoa vocacionada, ama a Deus. Nota-se então que ela segue a Cristo, e aquele que é um vocacionado para os propósitos de Deus, caminha segundo o seu convite” (LIDÓRIO, 2015, p.9).

---

<sup>5</sup> Καλέω; Κλεσις, εως f, προσκαλέομαιb: Convidar alguém urgentemente a aceitar responsabilidade de certa tarefa, com a implicação de que a pessoa que é convidada passa a entrar num novo relacionamento com a pessoa que fez o convite – Chamar - chamar para uma tarefa. Καλέωd: εἰς ὃ καὶ ἐκάλεσεν ὁ θεὸς διατουμευαγγελίου ἡμῶν, “(Deus) vos chamou a isto mediante a boa notícia que vos anunciamos” (2 Ts 2.14) [...]. (LOW e NIDA, 2013, p.3796).

Assim, a medida que o vocacionado caminha, se desenvolve a sua caminhada cristã em direção a salvação, e na busca de alcançar o perfil de Cristo, se compreende o sentido da sua vocação. Portanto, o seu objetivo passa a ser o de atingir o ideal de excelência cristã, para o cumprimento da sua missão, que envolve, fazer discípulos, ensinando as verdades do Reino de Deus no exercício do seu ministério.

### **2.1.2 A vocação e a organização ministerial cristã**

O ministério é um elemento característico de uma instituição deste mundo, e este conceito, igualmente, se vale em relação ao ministério cristão, que se evidencia à medida em que a igreja se organiza. Sendo também uma organização voltada para o serviço religioso, que pelo qual cada seguidor de Cristo exerce o seu ofício, conforme a sua vocação, e a partir disso, todos os cristãos buscam trabalhar em prol da edificação da igreja, usando seus dons e aperfeiçoando-os no serviço da comunidade cristã. A missão cristã no Novo Testamento é única por causa de Jesus Cristo e distinta porque é uma chamada para que pessoas de todas as nações se tornem seus discípulos. (FERNANDES, 2014, p.56)

Em vista disso, na medida em que o vocacionado ouve e responde ao chamado divino para o serviço, Deus o vocaciona a uma missão, com o objetivo de que possa exercer o serviço ao ministério cristão de maneira organizada e estruturada. Deste modo, Champlin define a estrutura do ministério cristão da seguinte forma;

O ministério cristão é a imitação do serviço prestado pelo Servo-Chefe (Mc 10.43,44); é a participação junto com o filho, no ministério de Deus (Jo 17), realizado através de homens que são dons dados à igreja (Ef 4.11), homens que receberam dons espirituais (1 Co 12-14); é uma atividade que tem por finalidade a edificação do corpo místico de Cristo, promovendo sua hignidez e bem estar espirituais (Ef 14.12,13)[...]; com muitos ofícios e funções que estão envolvidos no ministério da igreja [...]; deveres cerimoniais também estão incluídos no ministério cristão [...]. O discipulado cristão, em si mesmo, também é um ministério para o cumprimento do propósito de Deus no mundo. (CHAMPLIN, 2013, v.4 p.289)

O propósito de Deus se realiza segundo a sua vontade, que é vocacionar o homem para o serviço onde muitos são chamados a desenvolverem o seu ministério, com o fim de cumprir uma missão. Quanto a expressão ministério, complementa Champlin que:

Ministério é um termo coletivo que aponta para vários oficiais, autoridades religiosas e civis no contexto Bíblico. É uma palavra usada para traduzir certo número de vocábulos hebraicos e gregos, que também podem denotar ofícios específicos (CHAMPLIN; 2013, v.4 p.287)

Assim sendo, o ministério cristão é composto de vários ministros,<sup>6</sup> que por sua vez, são membros do mesmo corpo, e que têm o objetivo de exercerem suas funções servindo uns aos outros, e de forma organizada. Os ministros são vocacionados com diversidade de dons para o serviço ministerial cristão. Essa habilitação é divina, não é da vontade humana. Esses dons são habilidades dadas aos crentes, para qualificá-los ao serviço como ministros de Deus, atuando na igreja. Acerca disso, Pfeiffer nos diz que:

Como um corpo, um organismo vivo, a igreja deveria crescer para a maturidade, “à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13; cf vv. 14-16) como ajuda para esse desenvolvimento, Cristo deu alguns dons para a sua igreja, sob a forma de homens que realizariam várias tarefas [...] cada um tinha um dom espiritual, ou mais, para edificar os outros na comunidade dos crentes (1Cor 12.4-13; Rm 12.3-8; [...] cada um deveria servir de acordo com sua chamada e com sua habilidade (1Pe 4.10,11). (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.952)

O corpo de Cristo, é composto de uma variedade de pessoas reconhecidas como redimidas,<sup>7</sup> revestidas de dons, salvas e seguidoras de Cristo, que possuem diversas habilidades para o aperfeiçoamento da comunidade cristã. Isto é, nem todos exercem as mesmas funções, podendo ter pessoas revestidas com mais de um dom para o exercício de funções especiais. E sua liderança também é formada por um grupo de indivíduos habilitados com diversos dons.

Na igreja do primeiro século sua liderança era capacitada pelos diversos dons, conforme Paulo descreve em sua carta aos Efésios 4.11,12 – “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores/mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço e para a edificação do corpo de Cristo”.

Esses dons foram bênçãos dadas a comunidade cristã, com o intuito de qualificar os vocacionados para a organização do serviço na igreja. Essa dádiva tem

---

<sup>6</sup> O termo é aplicado a magistrados (Rm 13.6) e também a pastores e mestres 1Co 3.5. (ser ministro) [...] Mateus 20:28 – (servir)[...] (FIGUEIREDO, 2013, p.402).

<sup>7</sup> Redenção: Livramento de alguma forma de escravidão, com base no pagamento de um preço por um redentor. É um conceito básico para a visão Bíblica da salvação[...] No N.T. a redenção é estritamente uma atividade divina que é realizada por Jesus Cristo e através dele (Efésios 1.7; Gl 3.13; 4.5) [...], No entanto, a experiência de redenção do indivíduo redimido só estará completa na segunda vinda de Cristo (Romanos 8.23; Efésios 1.14). (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1655)

como propósito o serviço ministerial cristão, e a sua finalidade como missão, visa à edificação da igreja como um todo. E como se define esses dons na organização dos ministérios em relação aos ofícios na igreja?

## 2.2 A VOCAÇÃO E OS DONS ESPECIAIS

A vocação compreendida como uma inclinação, ou aptidão para o exercício de um ofício ou função no ministério cristão, se traduz na testificação do chamado de Deus à igreja para cumprir uma tarefa, que por sua vez são capacitados também com dons especiais<sup>8</sup> a cada vocacionado, sejam eles específicos ou não.

Deus, é quem comissiona e envia os seus servos para o cumprimento de sua missão. E para isto, ele deu à igreja cinco dons fundamentais para o seu desenvolvimento, conforme descreve Paulo em sua carta aos Efésios 4.11, que por sua vez, Champlin comenta, dizendo que esses dons espirituais cooperam com o propósito universal da vocação. E desta forma:

É no seio da igreja que Cristo exhibe pela primeira vez esse ministério, utilizando-o como o teatro de demonstração de como seus propósitos eventualmente se cumprirão, aos olhos dos seres celestiais. A fim de produzir a unidade, a maturidade e a perfeição da igreja, ele confere dons especiais aos homens, e então presenteia esses homens bem-dotados à igreja. (CHAMPLIN, 2014, p.767)

Este presente, se refere a pessoas capacitadas com dons especiais, dadas a igreja para edificá-la. Por isso, é necessário compreender que a participação de cada membro é importante para o crescimento de todos. Sobre esses dons Champlin acrescenta dizendo que:

O Senhor ao conferir homens dotados, determina providencialmente (como se vê, por exemplo, em At 11.22-26), ou diretamente através do Espírito Santo (como se vê por exemplo, em At 13.1,2 e 16.6,7), os lugares de seu serviço. Alguns (igrejas ou lugares) precisam de um dom, como por exemplo, o de evangelista; e alguns (igrejas ou lugares), precisam de outro dom, como o de pastor e mestre. Absolutamente nada do serviço cristão é deixado ao critério do julgamento humano. Os próprios apóstolos não tinham a permissão de escolher o seu lugar de serviço. (CHAMPLIN, 2013, p.223)

---

<sup>8</sup> O Novo Testamento fala de pessoas vocacionadas para um serviço especial dentro da igreja (cf. Mc 3.13; Ef 4.11; ICo 12.28; Rm 12.6-9). Isso inclui todos os chamados para ofícios eclesiais especiais, quer de tempo integral quer não. Essa vocação não é “mais elevada”, mas sim um chamado para uma tarefa específica que requer qualificações especiais (cf. ITm 3 e T t 1) e que exige responsabilidades singulares. (HENRY, 2007, P.604)

Os apóstolos foram homens que deixaram o seu legado, suas marcas na igreja do seu tempo, um tempo onde o próprio Cristo estabeleceu critérios únicos para o exercício do apostolado. Para uma melhor compreensão do seu ofício, quem são os apóstolos?

### 2.2.1 Os apóstolos

O apóstolo é uma figura apresentada no Novo Testamento, que se distingue pelo fato de ser uma pessoa chamada pelo próprio Cristo, para exercer a vocação no ministério cristão, e por ter sido testemunha da sua morte e ressurreição. De acordo com o léxico grego – português do Novo Testamento, o que é um apóstolo;

αποστολος - *apóstolos* - Alguém que exerce a função de mensageiro especial (em geral, restrito ao grupo de seguidores direto de Jesus Cristo, mas ampliado, como no caso de Paulo, a outros cristãos que proclamam a mensagem do Evangelho) – “apostolo, mensageiro especial”. *Παῦλος δοῦλος Χριστοῦ Ἰησοῦ, κλητὸς ἀπόστολος*, “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado (por Deus) para ser apóstolo” (Rm 1.1). por vezes, o relacionamento entre um apóstolo e Cristo é expresso na forma de “ser um mensageiro de Cristo” ou “ser um mensageiro especial de Jesus Cristo”. Nesta frase, o termo “especial” se refere a ter sido comissionado por Jesus Cristo para uma função ou tarefa específica. (LOW e NIDA, 2013, p.483)

Diante disso, Lidório sustenta que: “O apóstolo se refere àqueles que foram convocados diretamente por Cristo” (LIDÓRIO, 2015, p.15); e essa convocação se fundamenta na experiência pessoal de cada discípulo, que foi convidado para o exercício ministerial especial, sendo também um emissário de Cristo, convocado para o ministério apostólico.

O apóstolo, foi um vocacionado que caminhou com Jesus, chamado para segui-lo, sendo um membro fundamental para a organização da igreja primitiva. Para Champlin “a expressão apóstolo, significa enviado, mas que também subentende aquele que faz um serviço especial, em nome e pela autoridade de quem o enviou”. (CHAMPLIN, 2013, v.1, p.242)

O chamado para a função de apóstolo pode ser evidenciado pela Escritura Sagrada, onde se destacam referências contundentes desse ofício, e que seguem uma ordem de qualificações determinantes de sua distinção entre outros dons, onde

se confirmava o chamado para ser um apóstolo. Acerca dessa questão Champlin expõe que:

Os apóstolos originais, porém, eram: 1. Testemunhas especiais da ressurreição de Cristo (Jo 15.27). 2. Ministros especiais que agiam como representantes de Cristo, efetuando sua obra (Gl 1.1). 3. Estavam dotados de poderes especiais, (At 5.15,16) tanto na organização quanto na edificação da igreja cristã, sendo poderosas figuras evangelizadoras cujo trabalho tendia a multiplicar o número dos participantes da igreja. E as marcas distintivas de um apóstolo eram: uma comissão direta da parte de Cristo; eram testemunhas da ressurreição; inspiração especial; autoridade suprema; confirmação por milagres; comissão ilimitada para pregar e fundar igrejas. (CHAMPLIN, 2013, v.1 p.243)

A vocação para ser apóstolo era individual, específica e especial, e que há uma certa exigência para a qualificação que definia a vocação para este ofício, é notório e claro o que qualifica e evidencia aquele que foi vocacionado para um verdadeiro apóstolo.<sup>9</sup> Assim, há hoje o dom de apóstolo?

O dom de apóstolo compreendido como um ofício que se exercia no ministério eclesiástico era especial e amplo, que foi dado aos embaixadores de Cristo,<sup>10</sup> aqueles que caminharam literalmente com Ele, e que também foram convocados pessoalmente para esta nobre função. Portanto, o apóstolo é uma figura conhecida no Novo Testamento que se distingue pelo chamado do próprio Cristo.<sup>11</sup> Pelo que, depois destes, segundo Champlin, não há possibilidades de novos apóstolos. (CHAMPLIN, 2013).

Acrescenta Lidório dizendo que “John Stott nos lembra que a convocação para ser apóstolo feita por Cristo, cessou no primeiro século quando Ele chamou os doze e Paulo. Porém, no sentido do envio (*apostelo* - enviar), toda igreja é apostólica, pois foi enviada por Cristo ao mundo” (LIDÓRIO, 2015). Porém, Nee argumenta que;

Uma vez que o significado da palavra “apóstolo” é “enviado”, o significado de apostolado é muito evidente, ou seja, o ofício do enviado. Os apóstolos não são primordialmente homens com dons especiais; eles são homens com comissão especial. Todo o que é enviado por Deus é apóstolo. [...] os

---

<sup>9</sup> Apóstolo: Derivado do termo grego apóstolos. Apóstolo é fundamentalmente um “emissário”. Dentre seus muitos seguidores, Cristo escolheu doze, aos quais designou “apóstolos” (Mt 10.2,4; Mc 3.14; Lc 6.14,16). [...] (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013, p.13).

<sup>10</sup> Apóstolo no sentido mais restrito, quanto ao ofício propriamente dito, não há provas de que o apostolado perdure na igreja até hoje, e os que tomam esse título não apresentam as qualificações ou as credenciais do apostolado. (CHAMPLIN, 2013, v.1 p.242).

<sup>11</sup> O Cristo ressurreto fez deste grupo seletivo de testemunhas do seu ministério e ressurreição, apóstolos e testemunhas permanentes de que Ele é o Senhor, os comissionou como missionários, os instruiu a ensinar e batizar (Mt 28.18-20; Mc 16.15-18; Lc 24.46-48), e completou o processo com o envio do Espírito Santo no pentecostes (Lc 24.49; At 1.1-8). (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.162)

apóstolos eram homens dotados, mas seu apostolado não era baseado em seus dons; era baseado em seu comissionamento. (NEE, 2003, p.31)

Desse modo, compreende-se que o apóstolo, aquele que foi chamado e comissionado pessoalmente por Cristo, não exerce hoje a função específica de mensageiro especial, como na igreja do primeiro século. No entanto, se a definição de “*apostelo*” significa “enviar”, o ministério apostólico ainda permanece em vigor, como um comissionamento amplo de todos aqueles que são vocacionados ao ministério da igreja.

Na história do cristianismo há outro dom que foi de grande importância para o povo de Deus que envolve o chamado para o ministério profético. Da mesma forma, sua influência de relevância foi notória também no Antigo Testamento, por homens conhecidos como os profetas. Quais são as características de um profeta?

### 2.2.2 Os profetas

Os profetas foram homens usados por Deus para anunciarem Suas verdades aos seus contemporâneos. Esses homens foram os primeiros prenunciadores e porta-vozes de Deus. Para Low e Nida o termo profeta no grego *προφητης* – *prophetes*, é definido como;

Alguém que proclama mensagens inspiradas em nome de Deus – “profeta”, pregador inspirado. [...] em muitas línguas, a tendência é traduzir *προφητης* apenas com o significado de “alguém que prevê o futuro”. No entanto, prevê o futuro era um aspecto menos importante na atividade de um profeta, embora, com o passar do tempo, passasse a ter maior importância. Autores do período patrístico definiram a função de um profeta principalmente em termos de predição de futuro. Porém, no período do Novo Testamento, o que se enfatiza é a mensagem inspirada que se proclama em nome de Deus e com a autoridade que dele precede. Assim, em muitas línguas, a tradução mais adequada para *προφητης* é “alguém que fala em nome de Deus”. (LOW e NIDA, 2013, p.483)

Muitos profetas foram usados por Deus, como o Seu porta-voz. Por exemplo, Jeremias foi um dos profetas do A.T. Chamado para servir ao propósito de Deus, como se vê em seu livro:

Durante vinte e três anos, desde o décimo terceiro de Josias, filho de Amom, rei de Judá, até hoje, tem vindo a mim a palavra do Senhor, e, começado de madrugada, eu vo-la tenho anunciado; mas vós não escutastes. Também começado de madrugada, vos enviou o Senhor todos os seus servos, os profetas, mas vós não escutastes, nem inclinastes os ouvidos para ouvir [...]” (Jeremias 25.3,4)

Deus proporcionava aos profetas a percepção de falar ao povo as verdades que Ele colocava em seu coração. E quanto a sua função mais específica, eles falam das coisas essenciais, do que ainda viriam a ser.

Segundo Champlin “A palavra hebraica para “profeta” é “*nabi*”, que vem da raiz verbal “*naba*”. Essa palavra significa: *anunciador, declarador*”. (CHAMPLIN, 2001, v.7 p.5070). No passado, homens foram chamados para falar ao povo daquilo que haveria de vir. Hoje, Deus tem se revelado através das Escrituras Sagradas, e falado com o seu povo a respeito de todas as coisas que a humanidade precisa saber e conhecer sobre o que já se cumpriu, e o que ainda há de cumprir.

Ao estudar a Escritura Sagrada, se evidencia o ofício dos profetas em seu tempo, cada um deles buscou cumprir com lealdade o seu chamado, para o exercício ministerial na igreja primitiva, onde lançaram os fundamentos da igreja. Quanto a isto, eis o que Pfeiffer nos diz;

Os profetas continuaram a desempenhar um papel importante na igreja do N.T.; Paulo escreve que a igreja, a casa de Deus, foi edificada “sobre os fundamentos dos apóstolos e dos profetas” (Ef 2.20), e que o ministério da igual posição dos gentios no corpo de Cristo foi “revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas” especialmente escolhidos para o constante e regular ministério da profecia (Ef 4.11). (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1610)

Os profetas ocupavam uma posição muito importante na igreja primitiva. Acerca dessa considerável posição, Pfeiffer ainda nos esclarece que:

Depois dos apóstolos, os profetas eram os ministros que mais ocuparam a mais elevada posição na igreja primitiva (1Co 12.28); tais profetas permaneceram em evidência ao longo do livro de Atos. Seu ministério era geralmente duplo: o de pronunciar (proclamar), e o de prever (prenunciar). (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1610)

No ato de anunciar as verdades do Reino de Deus, e a profetizar sobre a vinda do Messias aos seus contemporâneos, os profetas enfrentaram grandes desafios para cumprir a sua vocação, dos quais se resultou no sacrifício de suas vidas. (1Ts 2.15). À vista disso, há hoje o dom de profeta?

O chamado para ser profeta foi um ofício especial onde homens foram usados por Deus para anunciarem Suas verdades aos seus contemporâneos. No sentido lato da palavra “profeta” Azevedo faz um paralelo entre o ministério profético segundo as Escrituras Sagradas, e o do pastor pregador, hoje:

Assim entendendo a profecia hoje, incumbe ao pastor, à semelhança de Paulo, transmitir todo o conselho de Deus, estar atento para a sociedade, o país e o mundo em que está inserido, de modo a poder comunicar, com relevância, a Palavra eterna, especialmente num tempo pós-moderno em que se negam verdades universais, necessárias e absolutas. (AZEVEDO, 2001, p.83)

Neste sentido, o dom do ministério profético ainda é evidente nos dias atuais. Desta forma, aqueles que falam em nome de Deus exercem o papel profético ainda hoje na igreja. como afirma também Lítorio;

Entendo que hoje consideraríamos profetas aqueles que expõem a palavra de Deus. A exposição bíblica feita no temor e autoridade do Senhor tem o poder de confrontar e transformar vidas. Os maiores avivamentos da história originaram de exposições bíblicas feitas por cristãos apaixonados por Jesus, desejosos de profunda transformação e fieis às Escrituras. (LIDÓRIO, 2014, p.16)

Ao proclamar as Boas Novas a respeito do Cristo, multiplicam-se os anunciadores dessas verdades, surgindo então a figura do evangelista, notoriamente como referência importante no Novo Testamento, sendo um agente revestido de um dom especial. À vista disso, quem são e quais são as atribuições do evangelista?

### 2.2.3 Os evangelistas

Anunciar o Evangelho é uma prática do cristianismo, e sua essência é instruir e testemunhar sobre a vida de Jesus e seus ensinamentos, como nos certifica Figueiredo a respeito do que é o Evangelho: “Essa palavra, cujo significado é boas novas, ou boa mensagem, aplica-se as quatro narrações inspiradas, no Novo Testamento (Mateus, Marcos, Lucas e João)” (FIGUEIREDO, 2013, p.214).

No entanto, os evangelistas são identificados como aqueles que dão testemunho da autenticidade do que Jesus disse e fez. Para contribuição à clareza da questão, o que diz o léxico a respeito do termo evangelista?

*ευαγγελιστης*– *euaggelistes* – Alguém que anuncia o Evangelho – “evangelista” (*εἰσελθόντες εἰς τὸν οἶκον Φιλίππου τοῦ εὐαγγελιστοῦ... ἐμείναμεν παρ’ αὐτῷ*), “fomos para a casa do evangelista Felipe... e ficamos com ele” (At 21.8). Embora o termo *ευαγγελιστης* designe um indivíduo que “anuncia o Evangelho”, o uso deste termo nos textos antigos dá a entender que se tratava, muitas vezes, de uma pessoa que ia de um lugar ao outro, anunciando a boa notícia do Evangelho. (LOW e NIDA, 2013, p.483)

A expressão evangelista, aponta para a ideia de uma missão a ser desenvolvida no ministério da igreja. Que por sua vez, tem a responsabilidade de anunciar o Evangelho em diversos lugares. Sobre esta questão Pfeiffer explica:

O Evangelista – aquele que é chamado para pregar o Evangelho em muitos lugares. Palavra derivada do verbo evangelizo. Evangelizar significa trazer boas novas a alguém, especificamente anunciar informações a respeito da salvação cristã (1Co 15.1-4) [...] a palavra é encontrada três vezes no N.T.. Os evangelistas estão relacionados junto com os apóstolos, profetas, pastores e doutores (mestres), como aqueles que são chamados para compartilhar a construção da igreja (Ef 4.11). (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.725)

Aquele que é chamado e capacitado com um dom especial, para anunciar a salvação ao perdido, assume o papel de evangelista. À vista disso, para Lidório, o ato de evangelizar abrange tanto aquele que possui facilidades para falar acerca do evangelho, quanto aos discipuladores, que também buscam esclarecer aos ouvintes tudo aquilo que diz respeito a boas novas. (LIDÓRIO, 2015)

A missão do evangelista é compreendida como um dom especial para o serviço que envolve o propósito de Deus para a igreja, que tem como finalidade, proclamar o evangelho ao mundo. Portanto, há uma capacitação divina e especial no evangelista, que ao assumir a sua responsabilidade, o leva a desempenhar com mais clareza o seu ofício, fazendo com que o ouvinte tenha uma melhor compreensibilidade do chamado de Deus. E isto não isenta o restante de anunciar as boas novas; que é o papel fundamental de todos os vocacionados conforme Mt.28.19-20.

Uma das peculiaridades deste chamado, é que também não depende do homem, mas do próprio Deus, que chama a todos por meio de sua graça, e os capacita conforme a sua vontade para cumprir a Sua missão.

Essa vocação, deriva de dom especial e específico; especial, porque o chamado pode ser para o exercício de uma função que foi delegada a alguns, e que ainda está em evidência, como o chamado para apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres, ou pastores e mestres; e específico porque o vocaciona para exercer um ofício entre os oficiais da igreja, como os bispos e diáconos.

A chamada depende do propósito de Deus. E sendo o evangelista um proclamador revestido da capacitação de um dom especial para o serviço divino, essa dádiva objetiva alcançar os homens pela graça de Deus, 12

---

<sup>12</sup> O conceito de graça é multiforme e sujeito a desdobramentos nas Escrituras. No A.T., hen, “favor”, é o favor imerecido de um superior a um subalterno. No caso de Deus e do homem, hen é demonstrado

através da ação do evangelista que apresenta a única esperança para a humanidade. (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.407)

A chamada divina envolve todos aqueles que são vocacionados para a edificação da igreja, e que, ao ouvirem a mensagem do Evangelho, entendem, e respondem ao cumprimento deste chamado. Como esclarece Buckland e Willians a respeito dos evangelistas:

O título parece designar uma função missionária: o evangelista leva o Evangelho a lugares onde era ainda desconhecido, e assim facilitava os meios para uma instrução e organização mais permanentes. A aplicação que se faz do termo aos autores dos quatro Evangelhos é muito posterior ao tempo do N.T. (BUCKLAND, WILLIAMS, 2013, p.214)

O evangelista, é dotado de um dom especial, que foi chamado e capacitado para o exercício de uma missão, que envolve a proclamação do Evangelho a todos os povos; para que a humanidade conheça Jesus, como o prometido Salvador, que veio com a incumbência de resgatar a humanidade, perdoadando e libertando o homem do pecado que o aprisionou. À vista disso, há hoje o dom de evangelista?

A característica marcante de um evangelista, é que ele testemunha com clareza sobre a vida de Jesus, e a respeito dos seus ensinamentos e de suas doutrinas. De acordo com Fernandes, “a evangelização implica fazer discípulos, batizá-los e instruí-los na obediência aos ensinamentos de Cristo” (FERNANDES, 2014, p.59). Logo, o evangelista é uma figura presente na história da igreja primitiva, bem como no tempo atual. Está claro que, embora os apóstolos e outros compartilhassem o trabalho de evangelização, havia homens que Deus chamava especialmente para essa tarefa. (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006).

Desta forma, a prática de evangelizar é traduzida pela missão de um evangelista, ou de um pregador de Boas Novas, que por sua vez, esse dom não pode ser confundido com aqueles que exercem o ofício de pastores, que ao atuar no ministério pastoral, são identificados como, pregadores do Evangelho e anunciadores das Boas Novas de Cristo. Nota-se então que a missão que envolve todos os vocacionados ao ministério da igreja, deixa claro as suas distinções, que hoje se

---

por meio de bênçãos temporais, embora também seja por meio de bênçãos espirituais e livramentos, tanto no sentido físico quanto no espiritual (Jr 31.2; Êx 33.19). Hesed, “benevolência”, é a firme benevolência expressada entre as pessoas que estão relacionadas, e particularmente em alianças nas quais Deus entrou com o seu povo e nas quais sua hesed foi firmemente garantida. (2Sm 7.15; Êx 20.6). (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.876)

destaca a figura do Pastor e Mestre. Aqui, os dois ministérios são associados, embora apareça separado em outra passagem bíblica, como Rm 12.7.

#### **2.2.4 Os pastores/mestres**

No mundo atual a figura do pastor tem uma conotação de prestígio, e com isto, fomenta muitos a perseguirem o status desse cargo ou função, sem avaliar as prescrições devidas para o exercício ministerial pastoral, e o cerne de sua missão. Aponta Champlin que, um pastor é alguém que cuida dos rebanhos de ovelhas. Aparece pela primeira vez em Gn 4.2, onde descreve a ocupação de Abel.

Portanto, juntamente com a ocupação de agricultor, é a mais antiga profissão do mundo. (CHAMPLIN, 2001 p.4969). Segundo Pfeiffer, em geral os pastores eram divididos em três classes: 1º) - os nômades; 2º) -, os pastores estabelecidos que sempre apascentavam suas ovelhas na mesma área geral. Era dever do apascentador conduzir seu rebanho a pastagem e água fresca. Em alguns casos isso exigia viagens pela zona rural; e 3º) -, os pastores que guiavam os rebanhos de um rico proprietário de pasto em pasto (Gn 37.12-17). (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006)

Diante desse quadro, se percebe dois tipos de pastores: os que exercem sua função sem a capacitação divina para o exercício pastoral; e o pastor que é vocacionado por Deus, sendo capacitado com um dom especial, para o ofício de pastor cristão.<sup>13</sup> Para compreender essa distinção, é necessário mensurar o que envolve a capacitação para o exercício da vocação pastoral como “chamado divino”, e o exercício pastoral, sem a capacitação desse chamado.

O chamado divino para a missão de pastorear, visa o cuidado, a proteção, a incumbência de guiar e alimentar o rebanho segundo o seu propósito. Que por sua vez, visa em um todo, apascentar a igreja, na conformidade daquilo que se revela através da Escritura Sagrada, tendo como referência o próprio Cristo, como a imagem do verdadeiro pastor. Cristo é identificado como o pastor que dá a vida por suas

---

<sup>13</sup> Pastores (do grego *poimen*) eram os que amavam e cuidavam do rebanho de Cristo. Tratava-se daqueles que são usados por Deus para juntar, alimentar e cuidar do povo do Senhor – e se sentem realizados com isto. Diversos exegetas enxergam na expressão “pastores e mestres” apenas uma função: pastores mestres. [...]. (LIDÓRIO, 2015, p.16)

ovelhas. De acordo com a descrição de João 10.11 – “Eu Sou o Bom Pastor”. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas. O ofício divino para pastorear, é a capacitação que permeia a vida daqueles que se identificam com Cristo, e que buscam cumprir o seu chamado por amor à sua vocação.

Em resposta ao seu chamado, este pastor vocacionado, apascenta as ovelhas conforme a determinação do Pai. “O pastor é o profissional da verdade: crê na verdade, vive da verdade, ensina a verdade, proclama a verdade, compromete-se, de maneira inarredável, com a verdade. É nossa persuasão” (AZEVEDO, 2001, p.147). Isto é, a função pastoral vocacionada por Deus, se traduz a um profissional que busca suprir as necessidades daqueles que estão sob seus cuidados, com a garantia do cumprimento da sua missão. O pastor deve viver a ortopraxia cristã, pautada na verdade e com integridade.

Aquele que possui a capacitação divina para pastorear, está revestido de um dom especial para atuar no ministério pastoral. Por causa disso, este pastor, jamais se descuidará das responsabilidades a ele delegada pelo Deus Altíssimo. Uma das principais características de um pastor vocacionado ao ministério pastoral, é que ele se posiciona diante as ovelhas para protegê-las, e se entrega totalmente por elas. Logo, o pastor que caminha segundo a vontade de Deus não busca seu próprio interesse, ele não exerce a função de pastor por causa do status, ou do que este cargo lhe pode proporcionar.

O pastor vocacionado, busca os interesses do reino de Deus, visa o cumprimento integral da sua missão. Isto é, o pastor que não foi chamado para exercer a função ministerial pastoral, não está revestido pelo dom especial divino, e não tem autoridade para o cumprimento da missão. Desta forma, ele não vai exercer as suas funções, pautado nos princípios éticos e morais, que norteiam a Escritura Sagrada, que define esta vocação como, uma função divina e especial. Lawrence destaca que;

Nossa autoridade vem do Senhor Jesus. Quando se sabe que somos obedientes e tementes a Jesus, as pessoas aceitam nossa liderança pastoral com mais disposição. A autoridade dele recai sobre nós dando-nos também a possibilidade de exercê-la sobre a vida delas. Obtemos autoridade da mesma maneira que Cristo, por meio da vulnerabilidade, do amor e da abnegação, mas só podemos exercê-la por meio Dele. (LAWRENCE, 2003, p.123)

O pastor<sup>14</sup> vocacionado, que possui autoridade divina, se envolve com as ovelhas liderando o rebanho como exemplo a ser seguido, para que elas possam ver e imitar as suas ações<sup>15</sup> a fim de perceberem que com ele estão seguras. O ato de pastorear ou apascentar se resume na ortopraxia<sup>16</sup> do dom recebido por Deus, com o propósito de que ele possa exercer a autoridade vocacional de pastor para cuidar do rebanho de Cristo. Aquele que não possui a autoridade divina para pastorear, busca dominar e controlar as pessoas, para servirem aos seus objetivos. (LAWRENCE, 2003)

Em vista disso, o Senhor disse através do profeta Jeremias ao seu povo, que Ele lhes daria pastores para apascentá-los - Jr 3.15 – “darei a vocês pastores segundo o meu coração, que os apascentem com conhecimento e com inteligência”. Visto que esse pastor cuida de um rebanho que não lhe pertence, e que lhe foi confiado para serem protegidas, alimentadas e conduzidas ao aprisco do Sumo Pastor; ser um exemplo a ser seguido é de fundamental importância ao exercício ministerial pastoral. Assim sendo, a expressão “pastor” tem um sentido, e a este respeito descreve Pfeiffer:

O termo original significa literalmente “pastor”. Esta palavra foi várias vezes usada pelo Senhor Jesus Cristo no N.T. (Hb 13.20; 1Pe 2.25) e apenas uma vez, como pastor dos cristãos (Efésios 4:11). Nessa passagem ela aparece como um dom espiritual a ser praticado, e não como uma função a ser ocupada”. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1469;)

Acerca disso, especificamente, o que faz um pastor? Pfeiffer complementa, e define da seguinte forma:

Pastor, [...] essa palavra veio a designar alguém que formalmente alimenta o rebanho, administra as ordenanças, lidera a adoração e guarda a verdade. As epístolas pastorais fornecem as diretrizes dos deveres daqueles que ocupam oficialmente a posição de liderança como pastores entre o rebanho de Deus (2 Tm 4.1-5). Ao dirigir-se aos anciãos da igreja, em Éfeso (At 20.17), Paulo os chamou de supervisores ou bispos (v.28), e ordenou que apascentassem (ou alimentassem) o rebanho (v.28). (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1469)

O vocacionado ao ministério pastoral tem a responsabilidade de um relacionamento mais íntimo com Deus, (isto não isenta a todos de ter), precisa

---

<sup>14</sup> Com base na ideia de que o pastor é um protetor e líder do rebanho, surgiu o conceito de Deus como o Pastor de Israel. Os próprios pastores antigos foram os primeiros a salientar essa similaridade. Assim Jacó se dirigiu a Deus, nos dias que antecederam a sua morte (Gn 48.15). Davi chamou Deus de seu Pastor, no bem conhecido Salmo 23 (vs.1). o que Asafe também fez em Salmo 80.1. (CHAMPLIN, 2013, v.7 p.4969).

<sup>15</sup> 1Co 11.1 - Sejam meus imitadores, como também eu sou imitador de Cristo. (Bíblia ARA Nova edição, 2017)

<sup>16</sup> Nota explicativa p.14

conhecer com profundidade as Escrituras Sagradas, praticar aquilo que prendeu de maneira mais contundente, e em obediência ao propósito de Deus. A sua preocupação diária tem o foco no cuidado, na proteção, e na nutrição das ovelhas; reconhecendo que Deus é quem dá crescimento a elas; dado que, os pastores devem também estar aptos ao ensino.

O chamado para o ministério pastoral envolve também o ato de ensinar, conforme descreve Paulo na carta aos Efésios 4.11 – “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (algumas versões, como a Bíblia de Jerusalém, traduz pastores e doutores).

Esta importante passagem bíblica aponta para alguns dos líderes espirituais que Cristo dá como "dons" à igreja. Nota-se que esses líderes são dados por Deus. Embora Deus os desafie a aprendizagem e ao treinamento, o chamado de Deus é a primeira prioridade para qualquer um desses líderes. Como já vimos, há também uma variedade de líderes, como os apóstolos, que viajaram principalmente para compartilhar o evangelho e começar novas igrejas. Pastores e professores concentraram-se em liderar uma congregação particular ou possivelmente grupos de igrejas locais.

É importante observar que esta lista foi escrita para um público em particular. Paulo escreveu aos cristãos de Éfeso sobre os tipos de líderes que ali existiam. Agora vivemos em um tempo após este período inicial onde os apóstolos e profetas exerciam as suas funções. Embora as pessoas hoje possam servir de maneiras semelhantes, são diferentes dos apóstolos e profetas da igreja primitiva.

Evangelistas são literalmente aqueles que compartilham as boas notícias. Esta palavra é usada em outro lugar apenas de Felipe (Atos 21.8) e de Timóteo, que foi ordenado a fazer o trabalho de um evangelista (2 Timóteo 4.5). Isso pode ou não ter sido seu principal dom espiritual. Os pastores são mencionados em outros lugares como anciãos (1 Timóteo 3; Tito 1) e lideravam congregações locais.

Os professores são aqueles com a capacidade de comunicar com eficiência a Palavra de Deus aos outros. Como observado anteriormente, todos os pastores devem ter a capacidade de ensinar (1 Timóteo 3.2), mas algumas pessoas podem ser

dotadas como professores, enquanto não são chamados a serem pastores (Romanos 12.7).

O ensino é de grande importância em todas as esferas da sociedade. Portanto, aprender deve ser uma meta para todos aqueles que desejam crescer, não só espiritualmente, mas também, buscar ampliar seus conhecimentos com o fim de compreender o mundo ao qual pertence. Além do que, o aprendizado tem em si um fator determinante para o esclarecimento dos saberes, tendo a figura do mestre<sup>17</sup> uma grande importância na edificação da igreja. Champlin descreve que há quatro palavras hebraicas e duas palavras gregas envolvidas neste verbete, que são:

O verbo *Bim*, “fazer compreender”. Esse verbo hebraico é empregado por mais de 160 vezes, com variados sentidos, embora sempre ligados a ideia de “compreensão”. “conhecimento”, etc.[...] 2. *Yara*, “direcionar”, “ensinar”. esse verbo no rifil, é usado por 47 vezes com o sentido de “ensinar”. [...] 3. *Lamad*, “ensinar”. palavra hebraica usada por 57 vezes com esse sentido. [...] 4. *Sakal*, “fazer agir sabiamente”. Usado no rifil por 8 vezes, com o sentido de ensinar. [...] 5. *Didaskalos*, “mestre”, “professor”. Palavra grega usada por 58 vezes [...] o substantivo *Didaskalía*, “ensino”, aparece por 21 vezes, de Mt 15.9 a Tt 2.10. E o verbo *Didaskalo* “ensinar” é usado por 95 vezes, desde Mt 7.28 a Ap 2.24. 6. *Katechéi*, “instruir”. Verbo grego usado por 7 vezes. (CHAMPLIN, 2013, v.4, p.244)

Nem todos os mestres são vocacionados ao ministério pastoral; mas o pastor deve ser mestre, pois boa parte de seu trabalho é o ensino (CHAMPLIN, 2013). Portanto, este é um dom especial que capacita muitos, ao serviço ministerial do ensino, sendo também um chamado para a missão de propagar as verdades do Reino ao mundo. Quanto a esse dom, eis o que diz Andrade em seu livro “Teologia da educação cristã”:

O ministério da igreja não se destina apenas a educação do mundo; tem ele como função também educar a própria igreja. o apóstolo Paulo, por exemplo, primeiro educava os gentios, proclamando-lhes o Evangelho do de Cristo. Estando estes já constituídos em igrejas, dedicava-se a instruí-los, visando transformá-los em autênticos discípulos do Senhor. (ANDRADE, 2012, p.76)

A figura do pastor mestre<sup>18</sup> é de fundamental importância para a igreja. Como um pastor que não é vocacionado pela graça de Deus, poderia suprir as necessidades

---

<sup>17</sup> Esses são guardiões do “conhecimento”, possuidores de habilidades naturais e concedidas por Deus, para transmitirem conhecimento. O mestre também tem um entendimento natural e intuitivo da verdade, embora talvez não recebam revelações diretas, como no caso dos profetas. (CHAMPLIN, 2013 v.4, p.245)

<sup>18</sup> O ofício do ensino na igreja primitiva. Em 1Co 12.28, *didaskalos* se menciona como terceiro ofício carismático de um grupo de três (lado a lado com – apóstolos e – profetas). Os homens que detinham este ofício tinham a tarefa de explicar aos outros a fé cristã e de providenciar uma exposição cristã do A.T.[...] (COENEN, BROWN, 2000, p.640).

da igreja? não há possibilidades, pois, o dom divino é que capacita o pastor mestre a desenvolver o ministério do ensino. Como complementa Champlin;

Em 1Co 12.28 e Ef 4.11, O apóstolo Paulo refere-se a um ministério especial, dos mestres, cuja finalidade era a de instruir as verdades cristãs aos crentes. E o confronto entre At 13.1 com Rm 12.7; 2Tm 1.11, mostra-nos que os mestres cristãos, que exerciam seu dom ministerial juntamente com os apóstolos, os profetas, os evangelistas e os pastores (na verdade, os mestres eram sempre pastores, embora nem todos os pastores fossem mestres). Na maioria das vezes, ensinavam em congregações locais já estabelecidas. O ministério de ensino não estava necessariamente limitado a eles, porquanto também era exercido também pelos apóstolos e profetas. (CHAMPLIN, 2011, v.7 p.4751)

Homens e mulheres são chamados por Deus para aprenderem e também ensinarem sobre as verdades que norteiam a doutrina cristã. Todos aqueles que são vocacionados, e no exercício de suas funções, desenvolvem o dom de mestre,<sup>19</sup> devem, de certa forma, ser um multiplicador, ou um Professor para o ensino das Escrituras Sagradas. Vejamos o que Champlin descreve acerca da tarefa do mestre no ministério eclesiástico:

A tarefa dos mestres é a de transmitir conhecimento, inspirar aos crentes com grandes verdades, e assim, através da instrução geral conferida à igreja, contribuir para levar os crentes mais perto do ideal da imagem de Cristo: porque levam os homens a perceberem a grandiosidade de Cristo, os seus propósitos no mundo, a responsabilidade do crente individual como membro da comunidade cristã, e a necessidade de santidade e consagração (CHAMPLIN, 2013, v.4 p.245).

O mestre nutre em seu íntimo um profundo amor pelo ensino, que objetiva a instrução daqueles que carecem de conhecimento e de orientação para percorrerem o caminho das verdades espirituais, que conduzem a Deus. Assim, aqueles que possuem esse dom, carregam em seu interior a intenção de transformar vidas. Quanto a isso, acrescenta Lidório;

Os mestres eram os que ensinavam a Palavra de forma clara e transformadora. Seus ministérios não eram definidos pela quantidade de ouvintes ou condições de trabalho, mas puramente pela rica experiência de abrir a Palavra e ensiná-la. O compromisso do Mestre é a Palavra. (LIDÓRIO, 2015, p.16)

Esta é uma vocação que pertence ao grupo de dons especiais, igualmente aos apóstolos, profetas, evangelistas e pastores. Que por sua vez, inclui todos os que são

---

<sup>19</sup> No início da história de Israel, os pais eram os mestres de seus filhos. E, ao que parece, eles levavam muito a sério a sua tarefa de transmitir-lhes os ensinamentos básicos de sua fé, bem como os rudimentos de seu ofício[...] a certa altura, foi designado, entre os levitas, um grupo especial de professores que ficaram encarregados da instrução do povo de Israel. (COLEMAN, 1991, p.127).

convidados<sup>20</sup> por Deus, para o exercício de um ofício ao ministério da educação cristã, da qual são vocacionados por Deus. Portanto, na igreja primitiva se identifica também oficiais percebidos na figura de bispos e diáconos. A fim de esclarecer quais são suas funções listaremos abaixo informações a este respeito.

### 2.2.5 Os bispos e diáconos

Paulo estabelece alguns parâmetros para a escolha de oficiais que vão atuar na administração da igreja (1Tm 3.1-13; Tt 1.5-9). Sendo os bispos e diáconos oficiais da igreja, Paulo apresenta uma lista de características que esses homens deveriam possuir para exercerem os ofícios nesse ministério (Tm 3.1-13). Percebe-se que no capítulo anterior foi apresentado a figura do pastor.

Á vista disso, Thiessen nos mostra que; “Pastor, Presbítero e Bispo; estes três termos denotam um único cargo no Novo Testamento. Dessa forma, o termo “bispo” é um sinônimo de “presbítero” (THIESSEN, 2013, p.299). Champlin acrescenta dizendo que; “No grego episkopos “supervisor”. Essa palavra é aplicada, antes de tudo, ao ofício apostólico (At 1.20). (CHAMPLIN, 2013, p.542). Thiessen afirma ainda que em At 20.17, 28, “os presbíteros da igreja em Éfeso foram constituídos em “bispos” sobre o rebanho, com a finalidade de “alimentar” (pastor, *poimen*) a igreja de Deus” (THIESSEN, 2013, p.299). Sendo assim, podemos notar que os três termos indicam uma mesma pessoa.

Ao estabelecer tais critérios Paulo indica que na igreja há uma organização, constituída de oficiais que administram os ministérios, com a finalidade na edificação do corpo de Cristo. Eis o que Thiessen diz a esse respeito;

Organização subtende a existência de oficiais. Tudo era bem simples no começo, mas havia pelo menos três cargos diferentes nas igrejas primitivas. Evidência disto chega até nós em parte através de referências aos oficiais das igrejas e em parte através de ensinamentos acerca das nomeações e deveres dos oficiais. Se formos seguir hoje a prática primitiva, então deve haver nas igrejas os mesmos oficiais. Sendo o Pastor, Presbítero e Bispo. (THIESSEN, 1989, p.299)

Paulo apresentou a Timóteo e Tito instruções especiais a respeito da eleição, ordenação e disciplina desses oficiais. Percebe-se que Paulo enfatiza as virtudes

---

<sup>20</sup> Vocação ou chamado corresponde ao convite de Deus [...] (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.2025)

morais que devem fazer parte da vida do vocacionado, como também as qualidades de um bom esposo e pai de família exemplar. Estes princípios essenciais para ser um oficial da igreja, como também é necessário ter intimidade com Deus, através do estudo das Escrituras Sagradas, com o fim de compreender o seu chamado.

Quando não se compreende o chamado ministerial, ao exercer suas funções no ministério o vocacionado pode correr o risco de sofrer crises,<sup>21</sup> que podem afetar o seu próprio desenvolvimento, bem como a edificação da igreja. Diante disso Vivemos hoje uma crise de vocação?

A esse respeito, Lidório nos fala das principais crises do chamado ministerial que podem estar ligadas na a crise de compreensão, no discernimento e na ação da vocação; isto é, quando não se compreende o chamado, o vocacionado pode está envolvido em uma área que ele não é capacitado para desenvolvê-la, e por falta dessa compreensão, suas atitudes podem ferir o bom senso, não tendo critérios para suas ações, que por sua vez, pode gerar a frustração ministerial. (LIDÓRIO, 2015)

Em vista de uma aparente crise de vocação, nota-se que no tempo atual, conduzir bem a própria família pode ser uma excelente referência para o candidato a bispo, a administração da igreja local. Na expressão bispos, nota-se que no universo das atividades que se exercem na igreja, a Escritura Sagrada, traz informações diversas quanto aos serviços específicos destes homens, qualificados como líderes que são vocacionados por Deus para a edificação da igreja.

Uma vez que a organização eclesiástica tem a necessidade de coordenadores e supervisores, bem como outros líderes que auxiliam para um melhor desempenho por parte dos vocacionados em geral; qual é de fato a função do bispo?

Pontua Pfeffer que, “esta expressão é derivada da palavra *episcopos* e ocorre cinco vezes no Novo Testamento: uma vez referindo-se a Cristo (1Pe 2.25), e em quatro lugares referindo-se a bispos ou supervisores em igrejas locais [...]”. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.316); diante disso, pode-se perceber que a figura do

---

<sup>21</sup> A crise de compreensão se estabelece à medida que não entendemos, na palavra de Deus, que somos todos vocacionados para servir a Cristo. [...]. A crise de discernimento nasce quando não fazemos clara distinção entre o chamado universal a todo crente e o chamado ministerial específico. Podemos passar a vida frustrados em qualquer lado do muro se não buscarmos o discernimento vocacional [...] A terceira crise é de ação. há um número grande de irmãos e irmãs com clara compreensão bíblica sobre a vocação, e claro discernimento sobre os passos a serem dados, más nunca os dão. (LIDÓRIO, 2015, p.15)

bispo era de grande relevância na administração da igreja, e sua estrutura se identifica como igrejas episcopais, onde os bispos ocupam funções de autoridade regional, como um ofício ou encargo.

Uma forma de governo eclesiástico em que a supervisão principal da igreja é confiada aos bispos, enquanto presbíteros, diáconos ou sacerdotes atuam de forma mais específica nas congregações locais. O governo episcopal<sup>22</sup> é hierárquico, com um colegiado de bispos ou um bispo principal exercendo a autoridade suprema. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013).

Uma liderança bem estruturada, organizada e composta por vários líderes, compreende, por parte de cada um, que nesta organização, há a consciência de que existe uma autoridade maior que os governa, que por sua vez reconhecem a necessidade de uma orientação e supervisão, por parte de outros líderes, que são chamados a qualificar, a capacitar, orientar e coordenar as diversas áreas ministeriais que estão envolvidos, com foco na missão da igreja.

Não é de surpreender, portanto, que os termos *episkopos* e presbíteros tenham sido empregados para líderes da igreja do Novo Testamento. [...] já foram considerados que ambos se referiam ao mesmo indivíduo no Novo Testamento, mas qual era a função desempenhada por cada um? [...] bispo ou supervisor são termos usados como uma referência específica ao seu ministério: apascentar a igreja de Deus. Em 1 Pedro 2.25, os termos “pastor e bispo” estão ligados a Cristo. PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.317

Conseqüentemente, a vocação para o episcopado está ligada a uma posição funcional na estrutura de liderança da igreja, como se percebe na carta de Atos dos apóstolos 20.28 – “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”. Neste sentido, percebe-se uma classificação “hierárquica”<sup>23</sup> que visa a organização na estruturação da igreja.

---

<sup>22</sup> Episkope, esta palavra encontrada apenas em Atos 1.20 (também é traduzida como “ofício ou encargo”) e citada pelo “apóstolo” Pedro a partir do Salmo 109.8. A referência é a posição de Judas com um apóstolo. Em 1 Timóteo 3.1, a mesma palavra grega é usada quanto ao ofício do bispo; em 1 Pedro 2.12 a palavra é traduzida como “visitação”. O bispado em épocas posteriores era o ofício do supervisor, ou o distrito sobre o qual o bispo ou presbítero era responsável. PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.316.

<sup>23</sup> Hierarquia – Essa palavra vem do grego, *hierós*, “sagrado”, e *archein*, “governar”. Isso posto, a significação original da mesma é o governo divino, executado por diversas ordens ascendentes. [...] De acordo com o eclesiástico da palavra, oficiais eclesiásticos, em sucessivas ordens, estão em pauta, quando então se deve pensar em uma organização eclesiástica com oficiais superiores e subalternos. (CHAMPLIN, 2013, v.3 p.109).

Em torno do exposto, sobre a organização da igreja, sobra discussões a respeito da função de presbíteros. O serviço específico ao presbitério pode ser notado nos escritos do Novo Testamento, e para um melhor entendimento, quem são os presbíteros, e o que fazem? Pfeiffer responde dizendo que;

Presbíteros ou presbitério é um grupo ou ordem de anciãos que consagrou o jovem Timóteo (1Tm 4.14). Parece que Paulo nesta ocasião, liderava este grupo (2Tm 1.6). [...] nas igrejas atuais, particularmente naquelas que adotam a forma de administração presbiteriana, o grupo de anciãos da igreja local é chamado de sessão, enquanto aqueles que reúnem como representantes das igrejas de uma área maior são chamados presbíteros. É impossível dizer se os anciãos mencionados em 1 Timóteo eram de uma ou mais igrejas. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.1591).

Sendo que a expressão presbítero se refere a um grupo de pessoas, ou a algumas pessoas, nota-se, que possivelmente, este grupo tinha também um certo domínio<sup>24</sup> sobre a igreja. Pedro chama a atenção desses líderes para que não se sintam obrigados a cuidar das ovelhas, e também, que não sejam gananciosos, que tenham boa vontade e sejam exemplos para os demais, 1Pe 5.1-3 – “Aos presbíteros que há entre vocês, eu, presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e, ainda, coparticipante da glória que há de ser revelada, peço que pastorem o rebanho de Deus que há entre vocês, não por obrigação, mas espontaneamente, como Deus quer; não por ganancia, mas de boa vontade; não como dominadores dos que lhe foram confiados, mas sendo exemplos para o rebanho”. Pareciam ser irresponsáveis quanto ao fato de pastorear o rebanho de Cristo. Eis o que Stern diz a esse respeito:

Alguns anciãos tinham pouca responsabilidade, e assim, suas congregações permaneciam fracas e indisciplinadas. Assim como é verdade que o Messias quer seguidores que o acompanhem, também significa que ele quer líderes que liderem, mas não dominadores (STERN, 2008, p.822)

É notório observar que para a prática do exercício vocacional ao ministério pastoral, aquele que foi chamado precisa desenvolver algumas virtudes que o torna um exemplo a ser seguido pela comunidade cristã; e uma das virtudes essenciais do vocacionado, é a lealdade, a fidelidade que deve fazer parte da sua caminhada cristã.

---

<sup>24</sup> A palavra, dominador vem do termo *íídiche* “*macher*” trazendo uma implicação sobre tirar vantagem da posição de autoridade. Um exemplo perfeito de “*macher*” do N.T. é Diótrefes (3Jo 9-10). A palavra grega traduzida aqui é “*katakuriuontes*”(assenhorear-se sobre; tentar mostrar a sua autoridade a alguém; dominar; (STERN, 2008, p.822)

O pastor que age com ética e fidelidade reconhece o dever de cuidar das ovelhas, de administrar a igreja, de ensinar a doutrina cristã de forma clara e verdadeira.

De modo geral, ao ouvir o chamado para o exercício ministerial pastoral, é necessário que o vocacionado atenda a essa convocação voluntariamente, crendo que será habilitado para o exercício de sua função, com o devido dom de pastorear, a fim de servir a comunidade cristã com o intuito de edificar da igreja. Afirmo Lidório, que, “Pastores (do grego *poimen*) eram os que amavam e cuidavam do rebanho de Cristo. (LIDÓRIO, 2015, p.16)

Um pastor que não ama suas ovelhas, trata com descaso, não só a comunidade cristã, mas também a sociedade de forma geral, testifica que este provavelmente, é mais um aventureiro na arte de pastorear, pois, o coração do pastor é diferente dos corações alheios, porque Deus o vocacionou com suas dádivas para cuidar do seu povo, conforme Jr 3.15 – “Darei a vocês pastores segundo o meu coração, que os apascentem com conhecimento e com inteligência”.

Ser um bom mordomo de Deus é característico de um vocacionado, e este dom está intrínseco no coração do pastor que foi chamado por Deus. Partindo deste princípio se busca descrever no capítulo três uma contextualização das epístolas pastorais mostrando a atuação de Timóteo e Tito como ministros de Deus.

### 3. A VOCAÇÃO DE TIMÓTEO E TITO

Diante da existência de múltiplos problemas encontrados nas igrejas de Éfeso e Creta, o propósito que levou Paulo a escrever estas epístolas, girava em torno de instruções para o estabelecimento de uma liderança íntegra e idônea (2Tm 2.2), bem como, várias orientações a respeito dos perigos das falsas doutrinas (Tito 1.10,11), como combatê-las (2Tm 4.2,3<sup>a</sup>), e também como os crentes deveriam caminhar (1Tm 6.11).

Compartilhando de semelhantes questões, Noronha destaca algumas particularidades destas epístolas mostrando que 1Timóteo é uma carta sobre a liderança da igreja. Onde Paulo adverte sobre os perigos das falsas doutrinas, ensina a Timóteo a escolher o tipo certo de líderes, e aconselha pessoalmente o companheiro mais jovem sobre suas funções de liderança. Já em 2Timóteo, Paulo dá conselhos pessoais, incentivo, advertências e instruções para que Timóteo siga o seu exemplo como verdadeiro e fiel testemunha de Jesus. Na missiva a Tito, Paulo o instrui e encoraja seu companheiro e colega de trabalho missionário, que tinha sob sua responsabilidade um grupo de cristãos indisciplinados da ilha de Creta. (NORONHA, 2015)

Partindo desta perspectiva, será examinada algumas questões relativas à organização da liderança cristã, com a finalidade de compreender como Timóteo e Tito identificaram e selecionaram os vocacionados para o exercício de suas funções nas igrejas sob suas coordenações. Essa vocação retrata uma dádiva divina, que foi derramada sobre a vida desses jovens, que se dispuseram voluntariamente servir a igreja, a fim de enfrentar questões que assolavam a comunidade cristã do seu tempo.

Para compreender como surgiu a os problemas relacionados com as heresias dentro das igrejas de Éfeso e Creta, como se deu o combate contra os falsos mestres, e quem eram os perturbadores conhecidos como aqueles que deturpavam a doutrina de Cristo naquele tempo, e que também, ameaçaram o desenvolvimento do cristianismo, serão também abordadas algumas peculiaridades das epístolas pastorais. Para isto, o que se pode conhecer sobre Timóteo?

### 3.1 AS EPÍSTOLAS À TIMÓTEO

O que envolve o contexto da igreja na cidade de Éfeso são os problemas encontrados no ensino da doutrina cristã, que estava sendo desvirtuado pelas heresias judaico-cristãs (fábulas judaicas ou mitos judaicos) que “são as intermináveis genealogias, que promoviam especulações (1Tm 1.4), e talvez fossem também interpretações alegóricas do A.T., que seguiam métodos existentes no Haggada ou na Mishanah” (CHAMPLIN, 2014), como também, pelo gnosticismo.<sup>25</sup>

Champlin assegura que, “alguns intérpretes acreditam que o elemento judaico era o mais forte; mas outros acham que o elemento mais forte era o gnóstico” (CHAMPLIN, 2014, p.354). Havia mestres gnósticos ensinando heresias e causando divisões dentro da igreja. Quanto a isso Champlin diz que;

Referências bíblicas como 2Tm 2.23 e 3.1 parecem pôr as epístolas pastorais bem no centro da luta contra o gnosticismo. Em outras palavras, os falsos mestres combatidos pertenciam a essa seita. Nesse caso, as controvérsias e as atividades facciosas eram as dos mestres gnósticos. A passagem de 1Cor 11.19 refere-se aos facciosos, aqueles que seguiam líderes humanos como heróis, e assim provocavam divisões na igreja, certamente uma heresia prática, mesmo que não teórica. O trecho de 2Tm 3.5 também ensina a separação que deve haver entre os crentes e essa gente. (CHAMPLIN, 2013, v.3 p.93)

Para combater os falsos mestres, Paulo escreve a Timóteo, orientando-lhe a combater tais heresias. Champlin descreve que, “grande parte dessas epístolas visa, direta ou indiretamente, refutar as doutrinas falsas e confundir os hereges” (CHAMPLIN, 2014, p.354). Isto é, Paulo buscou caracterizar o perfil daqueles que se opunham à sã doutrina, daqueles que caminham contrário às Escrituras Sagradas, com hábitos ímpios e depravados, como descrito em (2Tm 3.2-9).

Muitos judeus haviam se convertido ao cristianismo, porém, alguns deles, ainda continuavam com suas práticas voltadas para o judaísmo. Champlin, destaca que “de maneira geral, pois, as heresias combatidas nas epístolas pastorais continham

---

<sup>25</sup> É provável fabulas pagãs e gnósticas estejam em foco, a respeito dos “*aeons*” ou “*emanações angelicais*” de Deus, dentre as quais Cristo seria apenas um deles. Mas também devemos pensar em fábulas tipicamente judaicas, histórias de natureza imaginativa acerca dos patriarcas, acerca do que escritos como o Talmude estão repletos. (CHAMPLIN, 2014, v.5 p.550).

elementos judaicos e pagãos”<sup>26</sup> (CHAMPLIN, p.354, 2014); onde judaizantes heréticos se opunham à liderança de Timóteo.

Neste contexto, Paulo instrui Timóteo a se manter fiel ao Evangelho (2Tm 3.14), e a Tito, revestido de autoridade, a pôr ordem na igreja (Tt 1.5). Dado que houve tempos difíceis, mas que foram também superados quando estes líderes entenderam qual era a missão e o propósito do seu chamado, firmaram-se na fé, e pautaram-se nas bases da Escritura Sagrada, que são as verdades eternas para a transformação e salvação do homem; onde, permaneceram firmes em sua missão pastoral.

A figura do pastor para a comunidade cristã é de fundamental importância. Isto porque, Deus o reveste de autoridade divina para conduzir, ensinar e cuidar do Seu povo. Quanto a isso Lawrence considera que:

Pastores precisam ter autoridade porque ninguém pode pastorear sem ela e não “se pode” ter medo de exercer esta autoridade. As responsabilidades que as Escrituras “prescrevem aos pastores” exigem que tenham autoridade para cumpri-las de modo que os pastores possam: 1 - ensinar a verdade de Deus; 2 - escolher, liderar e desenvolver presbíteros; 3 - preparar os santos, exercer a disciplina na igreja; confrontar falsos mestres. (LAWRENCE, 2002, p.122).

A autoridade que está sobre o pastor, é emanada de Deus, uma vez que é Ele quem o comissiona para a tarefa que envolve o sobrenatural na existência da humanidade.

Esta autoridade estava sobre a vida de Timóteo e Tito, quando no exercício de suas funções; quando foram desafiados para uma missão, a ser desempenhada em seu tempo, missão esta que envolvia o ofício especial para a administração das igrejas. Lawrence destaca que “toda autoridade pastoral é autoridade derivada. Na verdade, até a autoridade de Jesus foi autoridade delegada. Ele disse: Foi me dada toda autoridade [por Deus Pai] nos céus e na terra” (Mt 28.18). (LAWRENCE, 2002, p.122)

Portanto, Deus chama a humanidade para caminhar com Ele, bem como para servi-lo. Conforme nos mostra Louw e Nida, “a palavra προσκαλεομαι- *proskaleomai* revela chamar para perto, convocar e/ou vocacionar para uma tarefa” (LOUW, NIDA,

---

<sup>26</sup> O plural da palavra “nação” (em hebraico *goy*, em grego *ethnos*) tem sido traduzido como “Nações”, outras vezes como “gentios”, e também como “pagãos”. *Gentio* é uma palavra que foi aplicada a todas as nações não judaicas, [...] (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.855)

2013, p.378,379). Paulo foi chamado para exercer a autoridade de apóstolo, que por sua vez, Timóteo e Tito, também foram chamados para o serviço ministerial pastoral.

Esta foi uma das vontades de Deus revelada sobre a vida daqueles que ouvem e respondem ao seu chamado para exercer seu ministério, pautado na autoridade divina. “quando dependemos da autoridade divina para o cumprimento da missão que Ele nos chama a cumprir, precisamos fazer o que Ele quer, porque esta é uma autoridade espiritual. (LAWRENCE, 2002, p.122)

Para Lawrence “as pessoas também nos concedem autoridade baseando-se no que fazemos” (LAWRENCE, 2002); sendo assim, diante do mandado divino que recebeu, e baseado na autoridade que o revestia, Paulo também chama e determina uma ordem a Timóteo, para que ele assumisse uma responsabilidade ministerial na cidade de Éfeso (Tm 1.3); sendo cumprido de acordo com o seu chamado, conforme se vê na epístola a Timóteo.

### **3.1.1 Quem foi Timóteo?**

Noronha relata que “Timóteo<sup>27</sup> nasceu em Listra, na província romana da Galácia (atual Turquia). Sua mãe Eunice, e sua avó Lóide, eram judias, e seu pai grego. Ao passar por Listra, durante sua primeira viagem missionária, Paulo conheceu Timóteo e sua família. (NORONHA, 2015)

No “dicionário bíblico de Wycliffe”, Pfeiffer, Voz e Rea nos diz que, “passado algum tempo e ao retornar para Listra, Paulo resolveu levar Timóteo em suas viagens missionárias, quando se tornou um confiável e companheiro amado de Paulo” (PFEIFFER, VOZ, REA 2013, p.1941). Por ser notório o caráter de Timóteo, acrescenta Champlin que, “Timóteo se notabilizou por ser um exemplo de um jovem crente, e por demonstrar uma considerável habilidade como pregador e era possuidor do dom profético (Tm 4.14; II Tm 1.6)” (CHAMPLIN, 2013, p.435).

Na busca de conhecer as dificuldades encontradas por Timóteo, e para um melhor entendimento a respeito do contexto de sua atuação, há que se traçar um

---

<sup>27</sup> O nome Timóteo, no grego Τιμοθεος– *Timotheos*, significa, “honrado por Deus”. (CHAMPLIN, 2013, v.6, p.435).

quadro da realidade das situações que o envolveu. Para isto, é importante a contextualização religiosa da cidade de Éfeso, como se segue.

### **3.1.2 Éfeso e seu contexto religioso**

Timóteo foi enviado para atuar nesta cidade como um representante apostólico. De acordo com Champlin “alguns intérpretes bíblicos supõem que Timóteo tornou-se o principal líder das igrejas em Éfeso, e finalmente sendo pastor, ou bispo” (CHAMPLIN, 2013, p.436). Neste caso, chegou ali com o propósito de orientar e dar assistência aos líderes das igrejas locais e efetivar uma melhor organização das comunidades cristãs.

A cidade de Éfeso foi imprescindível aos propósitos de Deus naquela ocasião; que pode ser percebido, pelo movimento cristão que se estabeleceu depois do ano 70 d.C., como nos mostra ainda Champlin:

Éfeso tornou-se um dos grandes centros do movimento cristão primitivo. De fato, depois que Jerusalém foi destruída no ano de 70 d.C., tornou-se o centro cristão mais importante da época. Paulo passou ali três anos, evangelizando a cidade e a região em derredor, de tal modo que a igreja cristã ficou bem estabelecida na Ásia Menor (na porção ocidental da moderna Turquia). (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.287)

Por se tratar de uma região fértil aos propósitos de expansão do Evangelho, a atitude de Timóteo, ao ser enviado para a cidade de Éfeso, foi de assumir a responsabilidade da organização das igrejas, dando prosseguimento ao ensino da doutrina cristã aos crentes de Éfeso; como também, combater as heresias que surgiram em meio às comunidades cristãs.

É relevante frisar o que Champlin diz a respeito do problema que surgiu nas igrejas de Éfeso, logo depois da partida de Paulo: “não demorou muito para que as igrejas fossem invadidas, por falsos ensinamentos, conforme o próprio Paulo havia predito que sucederia (At 20.29-30; e 2 Tm 4.3)” (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.287).

Por causa disso, no conteúdo da primeira epístola a Timóteo, consta instruções a respeito do trabalho que ele deveria realizar junto à comunidade cristã nesta cidade, e qual seria a sua postura diante das adversidades ali existentes, 2Tm 4.5 - Você, porém, seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um

evangelista, cumpra plenamente o seu ministério. Por ser uma região importante, não só político e comercial, mas também religiosa, em sua diversidade cultural, o paganismo em Éfeso era evidente.

### 3.1.3 O judaísmo pagão em Éfeso.

Ao desenvolver o cristianismo nesta cidade, uma grande oposição se levantou contra os cristãos, como relata Champlin, a respeito de um dos maiores desafios encontrados por Timóteo:

O décimo nono capítulo do livro de Atos fala sobre o conflito que o cristianismo precisou enfrentar para estabelecer ali um centro de operações. Desde o começo da sua história, Éfeso fora um centro forte do politeísmo. Diana tornou-se a principal deusa da cidade e um grande empreendimento comercial foi estabelecido em torno de seu nome. Artemis era o nome grego de Diana, conforme os romanos chamavam essa divindade. (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.288)

Diana, uma deusa pagã, com uma grande influência religiosa em Éfeso, onde a economia também girava em torno do comércio que envolvia o templo, sendo o centro das atenções do paganismo daquela época. A prática de ocultismo,<sup>28</sup> e de sacrifícios humanos eram comuns, como descreve Champlin:

O paganismo retrata deuses e deusas sob muitos aspectos, pelo que ela também aparecia com a deusa virgem, reverenciada pelas donzelas como sua protetora. No entanto, nos primeiros tempos de sua história, foram-lhe oferecidos sacrifícios humanos. (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.288 enciclopédias)

Muitos em Éfeso, ao conhecerem a verdade do cristianismo, abriram mão de suas riquezas,<sup>29</sup> que outrora eram valiosas aos seus costumes (At 19.19). Eis o que diz Champlin a respeito da atitude de muitos efésios ao se converterem ao cristianismo:

O culto idólatra em Éfeso tinha o apoio de livros sagrados chamados Ephesia gramata, que eram numerosos livros que continham encantamentos, artes

---

<sup>28</sup> Ocultismo, oculto – Termos modernos usados para descrever um amplo espectro de crenças geralmente ligadas a algum tipo de tradição secreta. As práticas ocultistas envolvem frequentemente magia ritualística e várias formas de espiritualismo. O vocábulo significa “escondido” ou “que está escondido”, implicando a necessidade da iniciação em uma tradição espiritualista secreta. Nos últimos anos muitos ideais ocultistas têm-se mesclado com a Nova Era. HEXHAM, 2003, p.124.

<sup>29</sup> Um dracma era o salário de um dia do trabalhador comum; portanto, cinquenta mil dracmas equivalem a pelo menos dois milhões de dólares. Por outro lado, os livros e rolos, porque eram produzidos um a um, eram bem mais caros do que são hoje. Especulação: tinha duzentos dólares em livros de ocultismo para queimar, a congregação tinha dez mil membros. Éfeso era o principal centro das religiões de ocultismo. STERN, 2008, p.326.

mágicas, etc. Quando o Evangelho lançou raízes em Éfeso, grande quantidade desse material foi queimado, avaliado em cinquenta mil peças de prata (equivalentes cerca de cento e sessenta anos de trabalho de um operário comum – At 19.19). (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.288)

Neste contexto, percebe-se que um bom número de judeus se convertera ao cristianismo, e aos poucos, o Evangelho se expandia. Porém, ao se empenhar na promulgação do Evangelho, Timóteo foi desafiado por uma grande resistência, que envolvia também as perseguições e a intolerância religiosa, articulada por outros grupos religiosos. Quanto a essa questão, Champlin nos relata que:

Nos dias do Novo Testamento havia uma numerosa colônia judaica em Éfeso. Assim como o vigoroso paganismo que ali medrava, com uma boa comunidade judaica e com um cristianismo crescente, Éfeso veio a ser uma cidade cosmopolita, quanto a questões religiosas. E, em tempos de intolerância, isso sempre significará um convite às dificuldades. O cristianismo, porém, gradualmente foi ganhando terreno, só tendo sido suplantado, séculos mais tarde, pelo islamismo, que conquistava territórios com a força da espada dos fanáticos seguidores de Maomé. Mas, antes disso, Éfeso finalmente chegou a contar com templos cristãos que procuravam copiar a majestade da adoração à deusa Diana. (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.288)

Ao ser convocado por Deus, para o exercício no ministério cristão, sempre haverá dificuldades quanto a aplicação do ensino da sã doutrina em meio a uma cultura pagã. Que por sua vez, exige de cada crente, um movimento de fé, e a necessidade de permanecer firme e perseverante no propósito de Deus, para combater o bom combate exemplificado por Paulo. (2Tm 4.7)

Diante disso, percebe-se que o próprio Deus capacita os seus servos com dons diversos para o serviço do qual Ele convoca e comissiona os vocacionados a servi-lo de acordo com o seu dom. Quanto a isso Pfeiffer, Voz e Rea pontua que: “o objetivo ou finalidade de cada crente deve ser que, sua caminhada possa corresponder à sua vocação” (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.2025).

Porquanto, no percurso da caminhada cristã, exige-se daquele que professa a fé em Cristo Jesus uma atitude clara de fé, que se expressa em ações, uma prática que resulta a certeza naquilo que se faz. Não diferente dos colaboradores de Paulo, que através do seu exemplo, onde seus frutos desenvolveram líderes capazes, que influenciaram a sua geração; percebido também na atuação de Tito na ilha de Creta.

As dificuldades encontradas por Timóteo não foram muito diferentes das adversidades que Tito também haveria de enfrentar na ilha de Creta. (Tt 1.5) Para

uma melhor compreensão destes desafios, há que se analisar o contexto dessa epístola.

### **3.2 A EPÍSTOLA A TITO**

Na caminhada cristã, fazer amigos é uma dádiva divina, e essa prática se torna importante ao propósito de Deus para com a humanidade. Não se pode caminhar sozinho, todos criados para viver em comunhão, e essa amizade faz da igreja uma família, em que todos são identificados como irmãos. Essa dádiva na vida de Tito, que teve a oportunidade de conhecer, conviver e aprender com uma das figuras mais importantes da igreja primitiva, Paulo, o apóstolo dos gentios. (Rm 11.13)

#### **3.2.1 Quem foi Tito?**

Para Halley “Tito, foi um cristão grego que se tornou um amigo e companheiro de Paulo; foi um auxiliar muito eficiente; atuou em Corinto e na ilha de Creta; e estiveram juntos em Nicópolis, em Roma e na Dalmácia (Tt 3.12; 2Tm 4.10)” (HALLEY, 2014, p.673). Quanto a isso, Pfeiffer complementa; “embora Tito seja muito ativo na obra de Cristo, ele não é mencionado em Atos, mas está presente em 2 Co, Gl, 2Tm e Tt. Ele acompanhou Paulo e Barnabé em sua visita a Jerusalém [...] At 15, Gl 2.1-4”. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.1948)

Ao ser enviado para Creta, com a missão de consolidar a obra que o apóstolo Paulo havia conquistado nesta ilha, Tito enfrentou situações muito semelhantes às que Timóteo deparou em Éfeso. Quando o apóstolo precisou de alguém firme para liderar as igrejas da ilha de Creta, enviou Tito com o propósito de auxiliar os cristãos a estabelecerem uma igreja forte. Essa carta que recebe o nome do seu destinatário, é a terceira carta de Paulo enviada a um pastor; as outras duas são 1 e 2 Timóteo. (DAY, SMITH, 2015).

Segundo Pfeiffer: “o firme e decidido Tito era a pessoa certa para trabalhar entre os cretenses pagãos” (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.1949). Ao se estabelecer em Creta, Tito se deparou com uma igreja influenciada também pelo judaísmo e por

heresias gnósticas, onde as bases doutrinárias da comunidade cristã estavam desestabilizadas. Os gnósticos eram especificamente hereges cristãos que faziam abundantes citações dos autênticos livros do N.T. Esse movimento começou na Palestina e na Síria duas décadas depois do pentecostes, e em oposição direta ao evangelho. (PHEIFFER, VOZ, REA, 2006)

### 3.2.2 A ilha de Creta e seu contexto religioso

Creta também foi uma importante região no contexto da igreja primitiva, no tempo de Paulo, e que se destaca juntamente com Éfeso pela peculiaridade de problemas que ambas possuíam. Halley descreve Creta como: “uma ilha, no mar Mediterrâneo, com 257 km de comprimento e entre 12 e 56 de largura. É montanhosa, com vales férteis, e bem povoada” (HALLEY, 2014, p.674). Já Day e Smith, em seu livro “Manual essencial da Bíblia” observa que:

Paulo e seus colaboradores estabeleceram igrejas em muitas dessas cidades. Porém, depois da partida do apóstolo, foi preciso que alguém ajudasse aquelas pessoas a se desenvolverem como cristãs. Paulo conta a Tito que a população de Creta era mentirosa, preguiçosa e cruel. Tito, portanto, teria de trabalhar arduamente para auxiliar os cristãos de Creta a obedecerem a Deus, em vez de seguir o exemplo dos demais cretenses. Tito havia trabalhado com pessoas difíceis anteriormente. Talvez tenha sido por isso que Paulo o enviou àquela região conflituosa. (Day, SMITH, 2015, p.197)

Estes fatos chamaram a atenção de Paulo, pelo que foi necessário convocar Tito para o embate contra os falsos mestres de seu tempo, o encorajando para permanecer firme, como um bom servo de Cristo, uma vez que ali ele teria um grande problema com os cretenses devido às suas características. Eis o que Noronha, diz ainda sobre Creta e sua população:

Creta foi provavelmente um dos primeiros lugares a ouvir o Evangelho de Cristo. Havia Judeus de Creta entre aqueles que ouviram a pregação de Pedro no dia de pentecostes (At 2.11). Mas a mensagem caiu em solo árido. Os cretenses eram tão mentirosos (1.12) que os gregos cunharam um novo verbo, “*cretizar*”, como sinônimo de “mentir”. (NORONHA, 2015, p.737)

Como um grande desafio posto à Tito, Paulo se coloca como um exemplo a ser seguido, mostrando que na caminhada cristã sempre haverá oposições; e para o desenvolvimento do ministério vocacional, dificilmente o líder encontrará facilidades para desempenhar o seu ofício. Noronha descreve como eram os cretenses, da qual

Tito havia de trabalhar: “A carta de Paulo mostra que até os cristãos eram um grupo indisciplinado, temperamental e volúvel, que precisava ser acompanhado de perto”. (NORONHA, 2015, p.737)

### 3.2.3 Os falsos mestres e as heresias em Creta

Como destaca Champlin, quanto a Heresia identificada como Judaico-cristã ou fábulas judaicas:

No grego, temos “muthos”, que significa “mito” “fabula”. Essa palavra ocorre nas epístolas pastorais, em 1Tm 4.7; 2Tm 4.4; Tt 1.14. No resto do N.T., aparece apenas em 2Pe 1.16. [...]. Deve-se observar que, no trecho de Tito 1.14, a alusão é às “fábulas judaicas”. Mas essa referência, sem qualquer qualificativo, é incerta. Provavelmente Paulo se referia a histórias fabricadas supostamente dotadas de valor religioso e espiritual, baseadas em heróis judeus da fé, como Abraão e outros patriarcas da narrativa do A.T. (CHAMPLIN, 2014, v.5, p.363)

Estes falsos ensinamentos que haviam de ser combatidos por Tito, tinham uma característica judaica. Champlin descreve a situação dizendo que: “De maneira geral, as heresias combatidas nas epístolas pastorais, continham elementos judaicos e pagãos, de natureza principalmente gnóstica” (CHAMPLIN, 2013, p.354). A palavra gnosticismo deriva-se do termo grego gnoses, que significa conhecimento. Os gnósticos acreditavam que os seus devotos adquiriam um tipo especial de iluminação espiritual, alcançando por ela um nível secreto ou mais elevado de conhecimento não acessível aos não-iniciados. Os gnósticos também tinham a tendência de realçar a esfera espiritual em detrimento do material, muitas vezes afirmando que esta é má e por isso deve ser evitada. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013)

Estes ensinamentos estavam sendo disseminados no meio da comunidade cristã, e diante deste quadro que ameaçava a sã doutrina, foi necessária a intervenção, por parte de Paulo, ao enviar Tito para combater os falsos mestres e seus ensinamentos, como o gnosticismo com pensamento judaico. Eis o que diz Champlin sobre essa questão:

A heresia enfrentada nas epístolas pastorais, era uma variedade de movimento gnóstico greco-oriental, que tinha muitas facetas. Alguns eram ascetas e outros libertinos, e aqueles que entravam em contato com o cristianismo normalmente traziam algumas formas de pensamento judaico. (CHAMPLIN, 2013, p.355)

Em meio a esse conflito de doutrinas, Champlin destaca dizendo: “ao que parece, o que provocou a escrita das epístolas pastorais, se quisermos dizer de maneira bem abreviada, foi um tipo de heresia judaica [...]” (CHAMPLIN, 2014, v.5, p.354). Diante disso, e motivado pela diversidade de problemas que penetraram nas igrejas em Creta, Paulo escreve esta epístola, com o desejo de encorajar e instruir a Tito para combater os falsos mestres, e a organizar a igreja.

Continua Champlin: “O gnosticismo é um termo geral para indicar uma fase da religião, que apareceu no paganismo, no judaísmo e no cristianismo; mas foi no cristianismo que o gnosticismo se tornou mais agressivo” (CHAMPLIN, 2014, v.5 p.355). E com o crescimento da igreja em Creta, desenvolve também as influências heréticas, contrárias aos ensinamentos da doutrina cristã.<sup>30</sup>

Diante do quadro geral, esses dois jovens são convocados e orientados para exercer um papel importante na árdua tarefa de pastorear em um tempo tão difícil quanto o nosso. Timóteo e Tito são chamados, enviados e instruídos a respeito da prática ministerial pastoral. Ao escrever estas epístolas, Paulo se dirige a eles com dissemelhantes orientações quanto às responsabilidades daqueles que são chamados ou vocacionados para o exercício do Ministério Pastoral, bem como, algumas orientações a respeito do combate aos falsos mestres que se levantaram dentro da igreja. Dos quais, se oponham à sã doutrina, com ensinamentos heréticos.

Paulo, exorta os jovens para que se mantenham firmes na convicção do seu chamado, e que conservem o ensino da sã doutrina; que não deveriam deixar de proclamar as verdades do Reino de Deus. Realidade esta vivida nos tempos atuais. Que possamos permanecer firmes na santa vocação do ministério cristão, para a glória de Deus.

---

<sup>30</sup> Doutrina – Formulação teológica que tenta proporcionar uma declaração resumida dos ensinamentos das Escrituras sobre um tema teológico em particular. Idealmente, a doutrina é formada com um intuito de ser fiel às Escrituras e ao mesmo tempo dar atenção às tradições da igreja e aos padrões vigentes de pensamento. Assim, a doutrina é afirmada de tal maneira que as pessoas de hoje possam entender o ensino das antigas Escrituras. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013, p.42).

## 4. AS PASTORAIS E OS DESAFIOS PÓS-MODERNOS

Para uma análise conclusiva, os conteúdos que se abordará nas epístolas pastorais serão percebidas na escrita da primeira carta a Timóteo com o tema básico focado na repreensão aos falsos mestres, o ensino da sã doutrina e as qualificações dos bispos e diáconos. Sã doutrina ou Sãs Palavras – No grego, é “*ugiaiano*”, que significa “ter saúde”, “estar em boa saúde”, “estar é”. Refere-se à doutrina. Da a ideia de ensinamentos “corretos”, “ortodoxos”, alimentícios para a alma, e não destrutivos e daninhos, conforme são reputados todos os ensinamentos errôneos. Em diversos lugares, essa palavra, sob diversas formas, é vinculada ao termo “doutrina”; e sob a forma de sãs palavras (CHAMPLIN, 2014). Quanto a segunda carta a Timóteo, Paulo persiste em recomendar, quanto a fidelidade na pregação com ênfase no valor das verdades contidas na Escritura Sagrada, admoestando a Timóteo que permaneça firme na fé, como também um exemplo aos demais.

Já na missiva a Tito, Paulo reafirma, quanto as qualificações e os deveres daqueles que estão na posição de liderança, exortando, mais uma vez, a respeito dos falsos mestres que devem ser silenciados, e quanto ao desenvolvimento ético e moral na caminhada cristã, tanto interna quanto externa à igreja.

A cultura pós-moderna tem suas marcas bem definidas, e baseado em algumas questões atuais, abordar-se-á, também, no quarto capítulo, três questões que são relevantes para a conclusão desta pesquisa. Primeiro, as heresias identificadas na igreja primitiva estão em vigor no tempo atual? Se estão, quais as heresias envolvem a igreja pós-moderna, e como combatê-las? Segundo, qual é o perfil da liderança pós-moderna, que não condiz com os princípios da doutrina cristã? Terceiro, no caminho da piedade, o que envolve a vida prática e moral dos crentes pós-modernos?

### 4.1 CONTEXTUALIZANDO AS EPÍSTOLAS AOS DIAS ATUAIS

Verifica-se no meio evangélico uma diversidade de manobras, que se usam com a finalidade de criar estratégias, que estejam voltadas para o desenvolvimento e o crescimento da igreja. São abundantes métodos utilizados, dos quais, no afã de

qualificar equipes de trabalho, para o exercício ministerial da igreja, alguns destes métodos extrapolam aquilo que a Escritura Sagrada orienta.

Um exemplo perceptível hoje é relativo ao estudo da teologia,<sup>31</sup> que pela qual alguns grupos criam doutrinas diversas, buscando subjugar muitas pessoas, pelo ensino de uma teologia prática, que não condiz com a sã doutrina, apresentada pelas Escrituras Sagradas.

Não diferente do tempo atual, muitos líderes judaicos, impuseram pesados fardos sobre aqueles que, de bom grado, acreditavam estar servindo a Deus. Pois, a preocupação de Paulo com os falsos mestres envolvendo três questões relativas à salvação, primeiro, o elitismo, sendo uma ideia de que somente algumas pessoas dotadas de conhecimento especial seriam salvas; segundo, o idealismo, onde se ensina que a matéria era má, e terceiro, o fascínio por mitos e genealogias. Esses temas são contrários: 1) A salvação baseada na fé, não no conhecimento; 2) A bondade da criação de Deus (e da encarnação de Cristo), e 3) A suficiência da história bíblica.<sup>32</sup>

Para Stern, “provavelmente esses falsos mestres ensinavam doutrinas que incluíam elementos judaicos e também pré-gnósticos” (STERN, 2008, p.686). Pois, a inquietude de Paulo também girava em torno da proteção da igreja que se achava em Éfeso. Isto porque, se tratava de uma grande comunidade de Judeus que haviam se convertido, e como muitos deles, não deixaram as práticas judaicas, alguns buscavam introduzir na igreja seus pensamentos e práticas.

O gnosticismo e o judaísmo, com suas filosofias, foram correntes que infiltraram nas bases da igreja com a finalidade de subverter a doutrina cristã. Sendo um sistema filosófico e que busca o auto-aperfeiçoamento, o gnosticismo apresentava um substituto barato para o judaísmo e para o cristianismo. Isto é, marginalizava e minimizava a questão do pecado (Stern 2008). Desta forma, este pensamento busca tornar a graça de Deus sem valor, pelo que Azevedo nos adverte:

A graça de Deus não pode ser barateada, porque a graça barata não é graça. Essa graça não é um depósito que abrimos com alguma palavra mágica, mas

---

<sup>31</sup> A teologia se desenvolveu principalmente em diálogo crítico com os ataques que a igreja sofria, tanto internamente (pelas “heresias”) quanto externamente, por religiões e filosofias concorrentes. (ZABATIERO, 2011, p.20)

<sup>32</sup> Comentário 1Timóteo 1.3-4 – Bíblia de Estudo Vida – 1998.

uma manifestação que vem sobre aqueles que temem a Deus, que levam a sério, que tremem diante do seu poder, que o louvam diante dos seus feitos (At 2.47). (AZEVEDO, 2011, p.20).

Na realidade pós-moderna, percebe-se uma certa semelhança no que se diz respeito a tais pensamentos e práticas que envolvem também os falsos mestres.

#### **4.1.1 Os falsos mestres na atualidade**

Nota-se que na cultura atual, dizer ser um cristão parece uma nova moda, e este estilo de vida ligado com as ações de certos líderes em algumas instituições “evangélicas”, não se sabe se é intencional ou não, deturpam as verdades bíblicas com o fim de se aproveitarem dos incautos para os dominarem em suas tradições, ritos e práticas religiosas. Quanto a isso, veja o que Kivitz fala em seu livro “a outra espiritualidade”:

Não me conformo com a instituição que evoca simbolismos do sincretismo religioso popular e evoca pessoas para “marchar sobre o vale de sal”, participar de “sessões de descarrego” e receber “tratamento espiritual de ex-bruxas” para que se vejam livres de demônios e maldições. [...]. Até quando vamos chamar de cristãos essa gente? (KIVITZ, 2011, p.64)

Para Kivitz estes que se dizem evangélicos inventaram uma nova religião. “Abandonaram o cristianismo, pelo fato de não mais falarem da cruz de Cristo e não passam de meros religiosos, escravizados e escravizando pessoas em seus ritos, como o próprio judaísmo legalista”. (KIVITZ, 2011, p.64). Logo, a tarefa do líder cristão, é a de apreender e ensinar a sã doutrina para uma prática que revela o propósito de Deus para a igreja, com a fim de não permitir que o cristianismo seja descaracterizado por falsos ensinamentos que deturpam as verdades bíblicas.

É imprescindível que se prossiga na proclamação do Evangelho, que retrata o Reino de Deus de maneira clara e objetiva. Desta forma, se alcançará a finalidade de refutar os falsos ensinamentos do tempo presente, bem como, a de anunciar as verdades bíblicas, que retratam o amor de Deus para transformar e libertar o homem moderno da secularidade dos falsos mestres.

Esses falsos mestres trabalhavam com a finalidade oposta ao ensino das verdades bíblicas, se levantaram, dentro das igrejas, com uma dialética destrutiva,

usando de um falso ensino religioso, conduzindo multidões à perdição. Estes são os falsos mestres que não permitem que os demais entrem no reino de Deus (Mt 23.13).

Todos os dias percebe-se um relato que identifica os falsos mestres na contemporaneidade, como relata Kivitz que:

Certo dia, um dos *pseudopastores* recomendou que uma senhora aflita escrevesse seu nome sete vezes em sete papezinhos que deveriam ser depositados no tal “vale de sal”, sendo este o melhor tratamento do Brasil para o problema que ela estava enfrentando. (KIVITZ, 2011, p.64).

No contexto de Éfeso e Creta, a árdua tarefa de combater os mestres enganadores e seus falsos ensinos, exigiu de Timóteo e Tito um preparo teológico centrado na pessoa de Cristo, onde a ortopraxia cristã, firmada em sua doutrina, superasse a ardilosa armadilha do inimigo, ensinando a sã doutrina.

Do mesmo modo, no tempo atual há uma necessidade, primeiramente, crer naquele que chama seu povo, das trevas para a sua maravilhosa luz.<sup>33</sup> Que por sua vez, são convidados a se conscientizar da vocação divina, e a buscar o conhecimento de Deus a fim de caminhar em temor à sua santidade, que está explícita nas Escrituras Sagradas; que por sua vez, impulsiona o vocacionado a caminhar segundo o Seu propósito e a crer em sua fidelidade.

#### **4.1.2 O sincretismo religioso, uma realidade do nosso tempo**

Como ocorreu na igreja primitiva ao sofrer influências perniciosas por parte do sincretismo religioso,<sup>34</sup> evidenciado por grupos que buscavam seus interesses, muitos ensinos hoje são direcionados para desarticular os fundamentos da igreja cristã, como ocorreu na igreja no tempo de Timóteo e Tito. “Nos tempos modernos o termo sincretismo passou a ser usado para descrever tanto os esforços para unir ramos da

---

<sup>33</sup> 1Pedro 2.9 – vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

<sup>34</sup> Sincretismo - É uma tentativa de assimilar doutrinas e práticas diferentes ou opostas, sobretudo entre sistemas religiosos e filosóficos, resultando em um novo sistema em que a estrutura fundamental e os dogmas de cada um foram modificados. O sincretismo do evangelho ocorre quando seu caráter essencial é mesclado com elementos culturais. Dessa maneira, perde-se a mensagem central do evangelho, e a igreja limita-se a confirmar os elementos já presentes na cultura. GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013, p.123.

crisandade quanto as tentativas para harmonizar o cristianismo com fés ou filosofias não-cristãs”. (CHAMPLIN, 2013, V.6 p.229)

Deste modo, a igreja contemporânea, continua sendo alvo das investidas heréticas, que envolvem novas roupagens, no contexto da pluralidade cultural, expressada também no sincretismo. Quanto ao termo sincretismo, eis o que diz Henry;

Originalmente, um termo político. Plutarco descreveu a unidade dos cretenses contra o inimigo comum como sendo *synkretismos*. Mais tarde, o termo foi usado em referência a harmonia na esfera da filosofia e religião, O cardeal do século quinze, Bessarion, usou o termo em sua luta para reconciliar Platão e Aristóteles. No século dezessete, o luterano Calixto foi chamado de sincretista devido a sua tentativa de reconciliação das teologias protestantes. A derivação do sincretismo de *synkerannumi* (misturar) tornou-se, então, normativa. (HENRY, 2007, p.553)

Esse termo que se apresenta de forma mais clara e contextualizada no perfil Brasileiro, se direciona ao movimento evangélico, como destaca Henry;

O sincretismo brasileiro, bastante conhecido das religiões africanas com a idolatria católica, agora surge com nova força, associando as práticas pagãs ao movimento herético “evangélico” ou “de poder” das “batalhas espirituais”, da “prosperidade” e da “auto-realização”. (HENRY, 2007, p.553)

Nota-se, então, que no contexto atual, o sincretismo religioso, constrói uma heresia pós-moderna; onde figuras, como a de pastores, intitulados profetas, oferecem soluções instantâneas que envolvem o espiritual voltadas para o material, o financeiro e a auto-realização. Apresentam a espiritualidade de um falso Evangelho, com os princípios voltados para o egocentrismo.

Quanto a essa espiritualidade Kivitz diz que; “na pós-modernidade ela é marcada pela subjetividade individual, livre da tutela das instituições sociais ou religiosas. Surge então o mercado religioso com uma fé privatizada (KIVITZ, 2011, p.69). Em meio a esse mercado sincretizado, cada um é senhor do seu próprio negócio.

Como vocacionados, há a necessidade de se aproximar de Deus, e caminhar segundo o seu propósito. A liderança atual, é chamada a combater as forças do mal firmados nos princípios da Escritura Sagrada. E para que haja sucesso, é necessário, primeiro conhecer a Deus; e temê-lo como ensina Salomão em Pv 9.10 “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; conhecer o Santo é ter entendimento”. Salomão faz um convite aos leitores, a caminhar com Deus, a fim de se construir, uma

intimidade da qual, o Santo se revela na profundidade do entendimento nos dando sabedoria para lutar contra os nossos inimigos espirituais.

Meditar nas verdades bíblicas e praticar aquilo que se aprende faz parte da ortopraxia cristã que envolve conhecer e aplicar o conhecimento de Deus em prol da edificação da igreja e de si mesmo.

Se vive hoje, um tempo em que a cooperação, de forma mais efetiva, precisa fazer parte da vida da igreja. Os homens são chamados a cooperar uns com os outros para a edificação do corpo de Cristo (1Co 3.9). Esta é uma característica visível de uma comunidade organizada, que busca a edificação de todos os membros através do serviço cristão, que pela qual, seus líderes caminham fundamentados pela sã doutrina. Kivitz complementa que “o serviço cristão visa pessoas. O serviço cristão acontece, portanto, não quando os cristãos estão mobilizados, organizados e atarefados, mas quando estão juntos, atentos uns aos outros (KIVITZ, 2011, p.114).

Quando Paulo descreveu as características necessárias para aqueles que buscavam, e buscam o episcopado (Ef.4.11), ele estabeleceu algumas condições firmado em verdades bíblicas, com a finalidade de fortalecer a liderança da igreja, a fim de não dar lugar para a ação daqueles que se levantaram e se levantam contra ela. Isto é, “as condições se aplicam bem a discipuladores e líderes. Ter bom caráter é destacado nesses versículos, não carisma. A descrição que segue é de uma pessoa saudável para com Deus, para consigo mesma, para com a sua família e para com a comunidade (ALMEIDA, 2016). Para que os vocacionados líderes, consigam atingir o objetivo da missão que foram chamados a executar, a igreja precisa de uma forte liderança.

Ao compreender a natureza da missão que a igreja é chamada a cumprir, o pastor como o líder da comunidade, tem o compromisso de ensinar e conduzir a igreja pelo caminho da práxis cristã, onde envolve a piedade e o amor. Essa prática deve ser desenvolvida na vida cristã de toda igreja. Para isto Granconato define que;

Vida cristã é a conduta do homem transformado pela fé em Cristo, marcada pela retidão descrita pelas Escrituras Sagradas, mantida e aperfeiçoada pelo zelo pessoal através do poder do Espírito Santo, e que tem como propósito mais sublime a glória de Deus. (GRANCONATO, 2011, p.77)

A conduta ética daqueles que não conhecem os princípios do Reino dos céus, faz com que esse indivíduo não caminhe dentro do conhecimento daquilo que exalta

e glorifica a Deus. Para a comunidade cristã, caminhar por meio de uma conduta ética da qual o Reino de Deus é expresso, o exemplo dos que ensinam pode ser de fundamental importância para a construção do caráter de toda igreja.

Justificando que a ética<sup>35</sup> cristã é Cristocêntrica, isto é, o homem precisa deixar de ser o centro de todas as coisas, e dar lugar para que a pessoa de Cristo seja vista e experimentada através da prática cristã, que molda a Sua igreja. Logo, a responsabilidade dos vocacionados, se pauta no princípio bíblico estabelecido em Mateus 28.19, 20 - “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenando a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos”.

Nesta recomendação, o verbo ensinar é usado duas vezes: uma no imperativo e outra no gerúndio. A primeira implica na formação e moldagem do cristão à imagem de Cristo; a segunda abrange os fatores informativo, cognitivo e comunicativo das doutrinas, princípios e verdades eternas do Evangelho. (ANDRADE, 2012, p.11)

No caminho os vocacionados devem estar conscientes de que foram chamados para cumprir a missão de falar do amor de Deus ao mundo, que é uma responsabilidade de todos os cristãos.

Fazer discípulos envolve não só a promulgação do Evangelho, mas também uma vida de relacionamento, de dedicação e de amor ao próximo. Onde a prática do exercício ministerial é ampla, e que envolve também o ensino da sã doutrina, das verdades que revelam o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, que hoje se faz presente no coração daqueles que professam que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e que tem o direito de governar a vida dos seus servos.

---

<sup>35</sup> Conforme entendem muitos escritores seculares, o termo “ética” e seu correspondente, “moral”, se refere ao problema daquilo que é certo ou errado, bom ou mau na conduta humana. Cobre, assim, toda a esfera da conduta de relacionamentos com o próximo na qual os homens se envolvem. (HENRY, 2007, p.270)

## 4.2 A VOCAÇÃO MINISTERIAL PASTORAL

Na realidade da igreja contemporânea há uma constante busca de ferramentas apropriadas para a formação de lideranças, como também, procura qualificar pessoas para ensino da Escritura Sagrada. O líder religioso na cultura pós-moderna, se porta como um empreendedor de negócios desse mundo; ele busca dinamizar o seu ministério e multiplicar o número de membros da sua igreja, usando metodologias e ferramentas diversas, com o fim de alcançar o sucesso ministerial.

Para Kivtz “esses empreendedores tem a mente ocupada por estratégias semelhante às de franquias de *fast food* e, quando dormem, sonham com o sucesso que atraia a atenção da mídia” (KIVTZ, 2011, p.29). As marcas deste tempo estão bem estampadas nas redes sociais e nas diferentes mídias, buscando evidenciar o egocentrismo humano, onde já não há a percepção do outro, onde tudo é relativo, e a subjetividade ganhou lugar nas comunidades religiosas. “os pastores se transformaram em um grupo de gerentes de lojas, sendo que os estabelecimentos comerciais que dirigem são as igrejas” (KIVTZ, 2011, p.29). Em uma breve reflexão pós-moderna, o que diz Grenz à vista disso;

Uma parte da vocação cristã consiste em avaliar todos os novos espíritos que moldam a cultura na qual Deus chama os crentes para viverem como povo seu. E um dos objetivos dessa tarefa consiste em equipar a igreja de modo que ela expresse claramente o Evangelho e o encarne no contexto desta cultura. Atualmente, somos desafiados a viver em conformidade com o nosso compromisso cristão em meio a uma cultura e a proclamar o Evangelho a uma geração que, cada vez mais, é pós-moderna em seu modo de pensar. (GRENZ, 2008, p.238)

Este é um tempo, no qual, Deus escolheu o homem contemporâneo, para convidá-lo a cumprir o seu propósito, um tempo de grandes transformações, nas quais as mudanças são inevitáveis, mudanças essas que, sistematicamente, tem influenciado os princípios éticos e morais, que sustentam a fé cristã.

Diante do quadro de corrupção que envolve o mundo por causa do pecado, Deus vocaciona e conduz o homem para sua luz. E como resposta ao seu chamado, é necessário testemunhar o seu amor ao mundo, anunciando as boas novas de Cristo, que é o Evangelho da salvação. Portanto, na caminhada cristã os obstáculos são inevitáveis e para que se possa superá-los, é necessário crer que Deus chama o homem para caminhar pela fé, e sob os fundamentos da sua doutrina, que tem como princípio, a obediência à sua palavra.

#### 4.2.1 A sã doutrina e a defesa da fé cristã em nossos dias

Buscar o conhecimento teológico é de fundamental importância para a prática cristã, a fim de não se permitir, que uma outra doutrina desvie a igreja da missão que Deus a vocacionou. Logo, o ensino da doutrina cristã, baseada na refutação apologética das falsas doutrinas, não é uma tarefa fácil. Para defender a fé cristã, e ensiná-la de forma clara, é necessário conhecer as Escrituras. Quanto à apologética, eis o que Grenz, Guretzki e Nordling fala a respeito:

Às vezes denominada erística, apologética é a defesa formal da fé cristã. Ao longo da história, o teólogo cristão tem divergido quanto à adequação da apologética para a apresentação do Evangelho, e, quando a consideram adequada, nutrem diferentes opiniões quanto ao modo de empregá-la. Dependendo da opinião adotada, os apologistas recorrem à argumentação racional, à evidência empírica, às profecias cumpridas, às autoridades da igreja ou à experiência mística para defender crenças como a existência de Deus, a autoridade das Escrituras, a divindade de Cristo e a veracidade histórica da sua ressurreição. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013, p.12)

Para isto, é indispensável conhecer e apreender uma boa teologia, e na sua prática, contrapor os inimigos da cruz, desvendando as boas novas de Cristo, como pontua Azevedo:

Precisamos de uma boa teologia do pacto, não aquela dominada pelo legalismo, mas aquela plena da noção de parceria Deus-homem, a partir da verdade bíblica que a intimidade do homem para com Deus é para aqueles que o temem, aos quais ele faz conhecer sua aliança (SI 25.14). (AZEVEDO, 2011, p.12)

Isto posto, “a teologia cumpre a função de articular a mensagem de Deus, mostrando sua relevância a cada novo contexto” (PADILLA, 2009, p.27). Infere, então, que os falsos ensinamentos, não só no tempo de Paulo, como também hoje, buscam causar a inversão de valores éticos, morais e doutrinários, referentes ao reino de Deus e a pessoa de Cristo; onde os perturbadores do cristianismo relativizam<sup>36</sup> os fundamentos bíblicos, com a finalidade de desqualificar também a pessoa de Cristo.

Vocacionados por Deus para viver os grandes desafios desse tempo, conhecido como pós-moderno, um tempo em que não há verdade absoluta, tudo é relativo, onde se ensina que todas as religiões levam a Deus. Um tempo marcado pelo

---

<sup>36</sup> Relativismo - Teoria contrária a ideia de que o ser humano tenha algum conhecimento objetivo e universalmente significativo, que haja alguma realidade METAFÍSICA suprema e imutável (Deus, pessoas, espaço, tempo, leis naturais) ou absolutos morais. Assim, o significado e a verdade são relativos a cada cultura e período histórico, a cada pessoa, situação, relacionamento e resultado. (GRENZ, GURETZKI, NORDLING, 2013)

mercado religioso onde ainda se vende indulgências. E que em pleno século XX o comércio religioso não parece ter cessado; pelo contrário, é abundante. Como aponta Champlin;

A infeliz prática de concessão de indulgências em troca de dinheiro dado à igreja, foi um produto da época imediatamente anterior à reforma protestante. O princípio geral das indulgências, com os seus abusos, foi uma das principais molas mestras do movimento reformador. Porém, em 1562, o concílio de Trento proibiu o pagamento de dinheiro pelas indulgências; ainda que, na prática, essa norma nem sempre tenha sido obedecida. (CHAMPLIN, 2013, v.3, p.27).

Ao ligar a televisão e começar a trocar os canais, perpassando por diversos programas evangélicos percebe-se uma forma de pagamento de indulgência para se alcançar um milagre, uma benção, ou até mesmo o perdão pelo pecado. Quanto a isso Kivitz complementa que ao ver um programa de televisão ouviu o seguinte;

Um apóstolo estava fazendo um apelo para contribuições, afirmando algo como – este programa de televisão é mantido por pessoas que acreditam que o investimento no Reino de Deus dá retorno(...) Continuou dizendo o apóstolo - então ligue para cá, que eu vou orar sobre o boleto, e tenho certeza de que Deus vai abençoar você cada vez que for ao banco fazer sua oferta”. E continuou, “você tem um trabalho natural e não pode evangelizar, evangelize através do nosso programa, fazendo sua contribuição e investindo com retorno garantido. (KIVITZ, 2011, p.63)

A falta de conhecimento é uma porta aberta para a escravidão daqueles que são traídos pela sua própria cobiça. Deus estabeleceu a igreja, para que o mundo fosse alcançado pela pregação do Evangelho e transformado pelo Seu amor, porque a igreja é o corpo de Cristo, a noiva que aguarda o seu noivo para viver as bodas eternas com Ele. (Ap.21.2)<sup>37</sup>

Como Timóteo e Tito, somos também chamados a caminhar pela fé, em um mundo hostil aos cristãos; fato esse, percebido quando Jesus orienta seus discípulos dizendo que todos odiarão seus discípulos por causa do seu nome (Mt 10.22). Nesta jornada, crer apenas não é suficiente, pelo que se exige daquele que se dispõe a ir, a prática de uma atitude de fé verdadeira, que se evidencia através da ortopraxia cristã, de uma ação movida pela certeza dessa fé para superar os obstáculos pós-modernos.

Figueiredo descreve que: “A fé difere da crença porque é uma confiança do coração [...]. A fé é uma atitude e não um impulso” (FIGUEIREDO, 2013, p.224).

---

<sup>37</sup> Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva enfeitada para o seu noivo. (Bíblia ARA Nova edição, 2017).

Diante disso, se aprende com Timóteo e Tito, um exemplo de postura daqueles que creem com uma atitude de fé que não retrocede, mas que segue em frente, a fim de alcançar o alvo que lhe foi proposto. Portanto, é necessário desempenhar uma fé prática ainda hoje.

#### **4.2.2 Ensinar a sã doutrina, um desafio contemporâneo**

Com o crescimento do cristianismo no mundo antigo, chegou com ele uma grande transformação no mundo atual. “O modo de viver dos cristãos revolucionou a sociedade daqueles dias, o que chegou a causar a animosidade dos romanos contra o cristianismo, com relação aos mais diversos princípios”. (LOPES, 2010, p.52). Em vista disso, o ensino da sã doutrina, não só foi fundamental para a comunidade cristã antiga, como também para a atual, que pela qual se busca conhecer a Deus e a praticar as suas verdades no combate os falsos mestres e seus ensinamentos. Quanto ao conhecimento de Deus Lopes, de Deus e Lopes (2011) salienta que;

Ao tratar do conhecimento de Deus, não podemos deixar de citar 1Crônicas 28.1-21, em que Davi reúne todos os líderes de Israel, convocando-os a obedecer aos mandamentos e ordenanças do Senhor e profere, diante de todos, as seguintes palavras a Salomão: “E você, meu filho Salomão, reconheça o Deus de seu pai[...]” v.9. Na tradução Revista e Atualizada pode ser lido “Tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai”. Certamente, com a instrução “conhece o Deus de teu pai”, Davi não queria dizer que conhecer Deus significava decorar mandamentos e ordenanças do Senhor [...]. Na prática, isso significa que Salomão já havia decorado tudo o que havia de mais fundamental a respeito. Ou seja, Davi não tinha em mente o conhecimento teórico a respeito de Deus, mas aquele que resulta em perfeita comunhão e aceitação da aliança feita por Yavé com seu povo. (LOPES, DE DEUS, LOPES, 2011 p.94, 95)

O conhecimento que se espera daquele que está envolvido na missão vocacionada por Deus, não se resume apenas em teorias, mas sim, em uma prática diária de comunhão, que resulta na ortopraxis cristã.

Conhecedor dos desafios existentes em Éfeso, Paulo insta a Timóteo para que fique ali, e exerça sua autoridade de líder cristão, a fim de que não permitisse que os falsos mestres continuassem a ensinar falsas doutrinas aos irmãos da fé. Quando Paulo se dirigiu a Timóteo, lhe conferindo autoridade, bem como a incumbência de fazer calar os falsos mestres de sua época, e também para fortalecê-lo, o instigando a permanecer firme em sua fé, Timóteo é admoestado a ensinar a sã doutrina.

Sendo assim, a autoridade divina, qualificava o vocacionado para exercer a prática correta do ensino, segundo a ortopraxia cristã. Isto porque, “o exame cuidadoso das Escrituras era uma das preocupações evidentes na literatura religiosa entre os judeus segundo Lopes, (Lopes 2008, p.49). Pelo fato de serem zelosos ao extremo, não demorou muito para ocorrer o rompimento do judaísmo com o cristianismo, devido as crenças religiosas judaicas já existentes, se afluíam com mais vigor, sendo contrárias aos ensinamentos do Evangelho, como explica Lopes afirmando que;

No início do cristianismo, os primeiros cristãos não tinham a intenção de romper com o judaísmo, mas, após a tomada de consciência de que suas crenças relativas ao Messias e à salvação eram opostas, o movimento firmou-se como cristianismo. Este, a partir de quando e na concepção de cristãos, seria considerado não como mais uma religião, mas como a religião que se identificaria como o “novo Israel de Deus”, com “encarnação dos desígnios salvíficos de Deus em favor da humanidade”; todavia, deixando claro que a nova comunidade não ocupava esse lugar na história por causa de uma sabedoria mais aperfeiçoada ou por possuir virtudes e habilidades mais apropriadas do que os hebreus, mas porque Deus intervieria em seu favor. (LOPES, 2008, p.51, 52)

No mundo atual, percebe-se, nesse emaranhado de religiões, com seus ritos e doutrinas diversas, identificadas pela pluralidade cultural, um outro modelo de cristãos, os denominados evangélicos. Que após as suas crises e decepções deixam as igrejas e passam a ser conhecidos como os desigrejados, e outros que estão em busca de prosperidade, libertação etc... Quanto a isso Nicodemus diz que:

O surgimento de milhares de denominações evangélicas, o poderio apostólico de igrejas e seitas neo pentecostais, a institucionalização e a secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo estado, a variedade infindável de métodos de crescimento de igrejas e de sucesso pastoral, os escândalos ocorridos nas igrejas, a falta de crescimento das igrejas tradicionais, o fracasso das igrejas emergentes. Tudo isso tem levado muitos a se desencantarem com a igreja institucional e organizada. (NICODEMUS, 2011, p.153)

No cenário desse desencanto, a igreja é chamada a caminhar em meio aos riscos que se deve enfrentar, para a missão de evangelizar o mundo. E ao longo da caminhada cristã se faz necessário perseverar o ensino da doutrina dos apóstolos (At 2.42), bem como, combater o bom combate da fé cristã (2Tm 4.7); a fim de conservar a sã doutrina em meio ao mundo pagão contemporâneo. Porquanto para Azevedo;

No seu diálogo com o mundo, o cristianismo sempre corre o risco de perder suas afirmações essenciais. Nós precisamos correr esse risco. Os primeiros cristãos não estavam imunes diante dos rolos compressores interno do

judaísmo e externo do paganismo romano. Cada época tem riscos próprios a correr. (AZEVEDO, 2011, p. 21)

A doutrina referente às verdades bíblicas, da qual se crê, é um dos pilares de sustentação da igreja. Desta forma, o ensino contrário a essas verdades como o legalismo judaico, não é novo, é uma prática antiga, que busca subjugar, também, através do ensino, aqueles que de bom grado, querem ser uteis à vocação ministerial na igreja.

Muitos que se dizem vocacionados, ou melhor dizendo, chamados por Deus, comercializam a Palavra de Deus. Fazem da igreja a sua empresa, do púlpito uma banca de mercadoria, das verdades do Evangelho, um produto em que os crentes são meros consumidores, do espaço para se cultuar, um mercado para negócios, e do seu ofício divino, uma fonte de lucro, sendo identificado como um mercenário, ganancioso, egocêntrico e imoral. Azevedo adverte dizendo que, “o mundo carece desesperadamente de liderança moral e espiritual, e esta só será possível mediante a realização de um ministério e um viver que ao mesmo tempo primem pela excelência e pela integridade”. (AZEVEDO, 2001, p.22).

Em sua carta a Timóteo, Paulo se refere aos falsos mestres, dizendo que a sua mente é pervertida e que usam da piedade para uma fonte de lucro (1Tm 6.5). A corrupção é uma realidade percebida na história da igreja, onde muitos falsos mestres se vestiam da religião para se enriquecerem (Tt 1.11).

No contexto de Creta, Paulo percebeu os diversos problemas quanto aos enganadores do seu tempo, conhecia bem os cretenses e os seus oponentes. Diante disso, retrata a Tito, que os falsos mestres, que ali se estabeleceram, andavam de casa em casa, enganando muitos, principalmente, as mulheres, buscando se enriquecerem com os bens alheios, agiam como falsos pastores, eram mercenários. Quanto às características de alguns pastores atuais, Kivitz destaca algumas, dizendo que existem pelo menos quatro tipos de pastores no movimento evangélico Brasileiro:

O primeiro tipo chama de pastores “lobos”. Pastores corrompidos, sendo alguns conscientes e outros enganados. São pastores de si mesmos. Homens que se utilizam da fé e do desespero alheio para alcançar seus próprios objetivos. [...] O segundo “pastores-ovelhas”. Aqueles são lobos vestidos de pastores. Estes são ovelhas vestidos de pastores. Cristãos sinceros e dedicados que jamais deveriam ter sido investidos da autoridade que acompanha a função pastoral. [...] homens aos quais o Espírito Santo não os constituiu bispos. O terceiro chamado apenas de pastores. Foram chamados pelo Espírito Santo – vocacionados. Ouviram a Voz. Foram

seduzidos, e seduzidos ficaram. O Senhor que chamou foi mais forte do que eles e prevaleceu. [...] estes preocupam com a igreja[...] ficam aflitos quando alguém peca[...] Subjugam a obediência e autoridade de Cristo[...] Deus os conhece. O quarto finalmente, há pastores que nem sei ao menos como classificar. “iluminados”, estão acima de todos. [...] que tem a plenitude do Espírito[.] A diferença entre os iluminados e os pastores é que este tem um ministério, e aqueles são o ministério[...] Diante deles percebe-se a tolice e o elogio[...] A sensação é de que Deus conta tudo para eles. [...] São poucos, mas estão espalhados por aí. (KIVITZ, 2011, p.53, 54)

Percebe-se no mundo contemporâneo, movimentos parecidos ao tempo de Timóteo e Tito. Disse Paulo que tais mestres “estavam interessados nos bens materiais daquele povo, e não em cuidar deles” (Tt 1.11). Quanto a essa questão, acrescenta Azevedo, a respeito da crise de identidade no ministério pastoral, dizendo que “muitos consideram o pastor como um “profissional” da religião, um indivíduo que engana e faz trapaças para ganhar dinheiro ou notoriedade” (AZEVEDO, 2001, p.172). Esta é uma questão muito delicada, apesar que se pode identificar neste tempo, muitos pastores dignos do seu chamado.

Se bem que Jesus já havia prevenido o povo quanto a esses enganadores, quando disse que Ele era o bom pastor, e discorrendo a respeito daqueles que não eram pastores vocacionados por Deus, acrescenta que o mercenário, quando vê que o lobo está atacando as ovelhas, ele busca a sua própria proteção, ele foge, ele abandona a sua ovelha (Jo 10.13). Para Kivitz estes pastores são;

Homens que atuam no ramo da religião, no seguimento evangélico, mas que estão absolutamente distantes do Evangelho de Jesus Cristo, distante de sua mensagem, do seu espírito, do seu caráter, dos seus propósitos, de seus valores, de seus conteúdos mais profundos. Oportunistas ou iludidos. Corrompidos do mesmo jeito. (KIVITZ, 2011, p.52)

Tais pastores buscam o brilho das celebridades, e o aplauso de seus súditos; querem ser servidos e notados como reis. Quanto a isso, Lopes, Lopes e Deus e em seu livro “Fundamentos da teologia pastoral”, diz que “O chamado daqueles a quem Deus designa como líderes não é para a posição de reis, mas de humildes escravos; não é de celebridades refinadas. Nenhum líder de igreja tem o direito de se considerar elite pastoral”. (Lopes, Lopes, Deus, 2011, p.51)

O chamado para o exercício ministerial pastoral exige do vocacionado um perfil íntegro; isto porque, na qualidade de homens pecadores, todos estão sujeitos a se entregarem às vicissitudes desta vida, devido a impureza dos homens. Por consequência, Paulo chama a atenção de Timóteo para que ele continue firme no

ensino da sã doutrina, sendo fiel ao ministério da palavra (2Tm 4.1-5). É necessário fidelidade para o serviço ministerial pastoral.

### 4.3 A FIDELIDADE MINISTERIAL PASTORAL

Cabe ao pastor, como ministro do Evangelho, pregar a verdade com fidelidade, anunciar a sã doutrina, e eleger obreiros para cuidarem da igreja de Deus, com discernimento e temor a Deus, que é a balança da sua justiça. Paulo oferece recomendações relacionadas a essas tarefas ministeriais, no que se refere à prática para a vida na igreja. Todos os vocacionados são movidos pelo desejo profundo de servir ao Reino de Deus, que, por conseguinte, buscam o aperfeiçoamento das virtudes espirituais fundamentais para o exercício ministerial pastoral, onde caminham na verdade, servindo com fidelidade a Deus e a comunidade cristã na qual está inserido. (1Co 4.1,2)

A fidelidade é a qualidade de fiel. Para Bueno, “fiel é ser verídico; verdadeiro; é ser leal, que não trai; [sup.abs.sint: fidelíssimo e fielíssimo]; ajudante de tesoureiro; é um fio ou ponteiro para indicar o perfeito equilíbrio da balança; membro de uma igreja” (BUENO, 2016, p.372.). Fidelidade é, então, uma das características que qualifica o vocacionado para exercer o seu papel de liderança na caminhada cristã; também, a fidelidade é imprescindível para o relacionamento com Deus e para a edificação da igreja.

A fidelidade do Grego “pistis” (fidelidade, confiabilidade). O adjetivo pistos é geralmente traduzido como “fiel”. A palavra pistis é traduzida como “fidelidade” ou “lealdade” apenas uma vez no NT (Tt 2.10), embora seja possível que em Gl 5.22) ela devesse ser traduzida desta forma. Em Rm 3.3, “a fidelidade de Deus” expressa a justiça de Deus. (PFEIFFER, VOZ, REA, 2006. p.7795

Este princípio, também proporciona ao vocacionado pastor, a ter uma postura de integridade e exatidão, a ser leal àquele que o chamou e/ou vocacionou para a missão nobre de proclamar o Evangelho, a cuidar das ovelhas do Seu aprisco com honestidade. Deus também convida a todos os salvos, a caminhar com exatidão, com lealdade, sendo também honestos; a agir de acordo com o verbo grego *aletheia*, ser verdadeiro conforme Ele é.

A palavra “*aletheia* – ἀλήθεια”, definir-se como “o conteúdo daquilo que é

verdadeiro e, assim, de acordo com o que de fato aconteceu – “verdade”, “ela lhe contou toda a verdade” (Mc 5.33). Em Jo 8.32, *ἀλήθεια* se refere a revelação de Deus trazida por Jesus ou, quem sabe, ao próprio Jesus por aquilo que ele de fato é, na qualidade de revelação de Deus. (LOW e NIDA, 2013, p.599).

O padrão da verdade nas Escrituras Sagradas não é marcado apenas naquilo que é externo, mas também no íntimo daqueles que de fato agem com fidelidade ao seu Senhor, a fim de que se cumpra o seu propósito, na vida daqueles que nele crê.

Por exemplo, em Mc 5.33, a mulher hemorrágica, agora curada diz a Jesus “toda verdade”. Em Jo 8.32, entretanto, *aletheia* é empregada para se referir toda revelação de Deus que Cristo traz – o Evangelho – ou o próprio Jesus, como revelação de Deus. Assinala-se, no entanto, que a ideia essencial da verdade na Bíblia não é a de conformidade com algum padrão exterior, mas “fidelidade”, confiabilidade. Afirma Azevedo que “no caso de Deus[...] fidelidade ou confiabilidade não se mede por padrão ou critério exterior: A verdade de Deus é básica para todas as outras verdades. (AZEVEDO 2001, p.151). Continua Azevedo;

Por causa da sua fidelidade, a verdade nos alcançou. “Jo 14.6 – Disse Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai, senão por mim”. Sim, a verdade nos convida a uma caminhada de dedicação e entrega; pois, aquele que foi chamado, convocado ou convidado a servi-lo na prática do ministério pastoral tem a sua frente um grande desafio. “O pastor é convocado a ser mestre da verdade, a manejar, a dividir bem a palavra da verdade, como obreiro do Senhor. (AZEVEDO, 2011 p.153)

O fato de ser chamado ou vocacionado para o exercício do ministério pastoral, vai ao encontro de uma das profecias que Deus revelou ao profeta Jeremias, dizendo que Ele mesmo, conforme a sua fidelidade levantaria pastores, homens íntegros, para apascentar o seu povo Jr. 23.4 – “Levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e elas jamais temerão, nem se espantarão; nenhuma delas faltará, diz o Senhor”.

Isto porque lobos ferozes se levantaram contra o seu povo; afugentaram e espalharam suas ovelhas; e traze-las de volta para o seu aprisco é a prioridade. Retratado em Jr 23.3 – “Eu mesmo recolherei o restante das minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentada, e as farei voltar aos seus apriscos; serão fecundas e se multiplicarão”.

Ao enviar Jesus para redimir a humanidade através da sua rendição, do perfeito sacrifício, Ele se entregou por completo, morrendo na cruz, sim, Ele foi fiel até a morte, e tudo por amor aos seus; pois, a fidelidade Dele demonstra o fator essencial para

resgatar o seu povo, e para a governabilidade e manutenção do seu projeto, que está pautado na sua fidelidade, sim, Ele é fiel sempre, e chama o seu povo, para uma caminhada digna do seu sacrifício. Deste modo, Champlin nos diz que;

A fidelidade é caracterizada pela firmeza e pela certeza de propósitos, por uma atitude e uma conduta justas, pela devoção de alguém a uma pessoa ou a uma causa, pela incorruptibilidade, pela sinceridade, pela confiabilidade, pelo cumprimento das promessas e votos feitos e pela lealdade sincera. As ideias contrárias a fidelidade são a infidelidade, a falsidade, a volubilidade, a duplicidade, a indignidade, [...] (CHAMPLIN, 2013, v.2 p.725)

Aquele que é fiel e justo, possui a integridade de caráter, condição esta que caracteriza também o perfil de um líder pastor, que honra aquele que o vocacionou para uma caminhada de excelência, que conhece e pratica os princípios básicos que norteiam a sua fé, e diante disso, ele tem o compromisso com a verdade, e por isso, ele fala e vive a verdade. Azevedo afirma que;

Como filho de Deus, mui amado, o pastor (líder) há de ser imitador de Deus, quanto a sua genuinidade, veracidade e “fidelidade”, jamais fazendo o jogo do Diabo que é o “pai da mentira”. A verdade há de estar presente na vida pessoal do (líder) pastor, sua sinceridade, sua transparência. Ele deve ser genuíno, autêntico, o mesmo em casa, na igreja, na rua, nos relacionamentos de cada dia. O (líder) pastor deve ser um homem de verdade e da verdade. (AZEVEDO 2001, p.153)

O exercício do ministério pastoral requer, daquele que almeja o episcopado, a proatividade de ser guiado pelo próprio Deus, com uma certeza que gera confiança, a “fé”, que reflete a convicção; certeza esta, que o conduzirá para o cumprimento da sua missão; a fim de praticar o serviço ministerial pastoral junto à comunidade cristã, para a edificação da igreja.

#### **4.3.1 Vocacionados para a ortopraxia cristã.**

Um dos bens éticos e morais essenciais, que deve fazer parte da vida prática cristã daqueles que professam amar a justiça, no exercício da vocação ministerial pastoral, é a Virtude – ἀρετή, que pode ser evidenciado pelo seu proceder, na ortopraxia cristã.

Essa palavra grega, com a conotação de energia moral, valor e integridade aparece também em Sabedoria 8:7 “Se alguém ama a justiça, as virtudes são os seus frutos, pois é ela quem ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza, que são na vida os bens mais úteis aos homens”. PFEIFFER, VOZ, REA, 2006, p.2024

As virtudes são os frutos daqueles que amam a justiça; ἀρέτη também pode ser evidenciada no livro de 1 Pedro 2.9 – “Vós sois, porém, raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

Complementa Bueno, “virtude revela força moral; disposição para a prática do bem; boa qualidade moral e eficácia” (BUENO, 2016, p.842). Portanto, a igreja é chamada a anunciar o poder de Deus que transforma a vida do homem; que por sua vez, o leva a caminhar de acordo com a excelência moral que envolve o reino de Deus.

ἀρετή – arete – qualidade de excelência moral – bondade excepcional, virtude. [se há alguma excelência moral e existe algum (motivo de) louvor (Fp 4.8); aquele que nos chamou a tomar parte de sua própria glória e excelência moral (2 Pe 2.3). entretanto é possível que em 2Pe 1.3, ἀρετή denote a manifestação de poder (divino). (LOW e NIDA, 2013, p.662)

Percebe-se que a virtude moral é uma qualidade imprescindível para a vida prática da vocação ministerial pastoral, e requer de cada um, uma postura de fidelidade, que por sua vez, gera confiança, que qualifica aqueles que almejam exercer o chamado à vocação ministerial pastoral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecer a igreja como o Seu povo, Deus convida homens e mulheres para o desenvolvimento da sua vocação ministerial. Percebe-se, então, que na organização da igreja, há a necessidade de dons especiais para a sua administração. Não se pode confundir essa organização como sendo hierarquizada, denotando superioridade de alguém. Isto porque, sua organização se dá por meio dos dons. Portanto, todos são chamados para a ortopraxia cristã, onde cada membro da igreja é útil para a sua edificação.

Percebe-se que, a vocação é compreendida como, um chamado ou um convite ao homem, para que ele se aproxime de Deus. Sendo esse chamado de natureza universal, tem o objetivo direcionado para a salvação, para servir a Deus e para uma caminhada digna. Diante desse chamado, Deus dá presentes a igreja, ao capacitar os vocacionados para o serviço ministerial. Assim, Ele distribui cinco dons especiais, fundamentais para o desenvolvimento da igreja, conforme descreve Paulo em sua carta aos Efésios 4.11. Capacitação esta, que também é compreendida, como uma inclinação ou aptidão para o exercício de um ofício ou função no ministério cristão, que por sua vez, se traduz, na testificação do chamado de Deus para o cumprimento de uma missão específica. Este presente, se refere a pessoas capacitadas com dons especiais, dados a igreja para edificá-la.

Entre os vários ofícios, se destaca o ministério que envolve a vocação para o ensino, que é de grande importância para a edificação da igreja, onde o pastor/mestre é aquele que tem o dom para ensinar, e que nutre em seu íntimo, um profundo amor pelo desenvolvimento da comunidade cristã. Seu objetivo, é o de alcançar aqueles que carecem de conhecimento, e instruí-los no caminho das verdades elementares das Escrituras Sagradas, e conduzi-los pelo caminho que leva a Deus. Aqueles que possuem esse dom especial, carregam em seu íntimo a intenção de transformar vidas, que pela qual, se cumpre o propósito de Deus.

Diante do desafio para conservar a sã doutrina, Paulo encarrega Timóteo a instruir homens fieis, com as verdades da Escritura Sagrada, 2Timóteo 2:2, bem como, uma série de orientações e advertências, quanto aos falsos ensinamentos. Ao delegar a Tito algumas responsabilidades que envolvem a organização da igreja, bem como, o

combate aos falsos mestres e enganadores, Tito 1.1, o encoraja sobre a necessidade de fazer com que estes homens se calem, porque corrompem muitas famílias e ensinam o que não devem. Este mesmo procedimento, é precioso para o exercício da vocação ministerial atual.

Finalizando, ao ensinar a guardar tudo aquilo que se aprendeu com Jesus, isto não se resume em meras palavras, ou em uma dialética rasa e sem sentido, mas sim, na prática comunitária, e na convivência entre os irmãos da fé, onde ser suporte para a edificação do corpo de Cristo, contextualiza a realidade do Reino de Deus para os nossos dias, um reino justo, um reino de amor; sabendo que ele já foi inaugurado, e se faz presente, mas que, em um futuro próximo, será plenamente realizado na vida do povo de Deus.

Diante da aparente crise de vocação que envolve ministério eclesiástico, esta é a resposta da igreja para o tempo atual: viver a ortopraxia cristã, de maneira que o Reino de Deus, se estabeleça no mundo, a fim de que a vida daqueles que vão sendo inseridos ao corpo de Cristo sejam transformados pelas verdades da sã doutrina. Para isto, a caminhada cristã, deve ser pautada na prática da justiça e do amor, a fim de que a sua plenitude seja real na vida da igreja. Sendo mais evidente a cada dia, até que ela se torne a igreja Universal e invisível, onde todos os redimidos serão contemplados pela presente Pessoa de Cristo, o nosso Redentor e Salvador.

Todos são vocacionados para a salvação, para servir a Deus e também para uma caminhada digna, amando uns aos outros como Cristo ama Sua igreja.

Esta pesquisa convida o leitor, a uma análise sobre a vocação ministerial pastoral atual, e também, a considerar o valor das verdades Bíblicas que estão contidas nas epístolas pastorais, que têm em si respostas e instruções importantes, não só para o seu tempo, mas também para o tempo atual, o tempo onde Deus convida o homem contemporâneo, para ser ministro da sua palavra.

## REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. **Nova Almeida Atualizada: Bíblia Sagrada**. São Paulo: SBB, 2017.
- ALMEIDA, João Ferreira. **Novo Testamento: Salmos e Provérbios**. São Paulo: Nova Edição, SBB, 2016.
- AZEVEDO, Irland Pereira. **De pastor para pastores**: São Paulo: JUERP. 2001
- AZEVEDO, Israel Belo de. **Igreja. Acabou?** São Paulo, Hagnus. 2011
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo, Paulos, 2002
- BUCKLAND. A. r., WILLIAMS, Lukyn. Tradução: FIGUEIREDO, Joaquim dos Santos. **Dicionário bíblico Universal**: São Paulo, vida, 2013.
- BUENO, Silveira. **Mini-dicionário da língua portuguesa**: São Paulo, FTD, 2016.
- CHAMPLIN, R.N. Ph. D. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**: v.1,2,3,4,5 e 6 São Paulo, Hagnos. 2013
- CHAMPLIN, R.N. Ph. D. **Novo Testamento, Interpretado Versículo por Versículo**. v.5. São Paulo, Hagnos. 2014
- CHAMPLIN, R.N. Ph. D. **Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, "Dicionário"**: v.6 e 7. São Paulo, Hagnos. 2011
- COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes Bíblicos**: Minas Gerais, Betânia, 1991.
- COENEN, Lothar, BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**: São Paulo, Vida Nova, 2000.
- DAY, Terry Jean; SMITH, Caro J. **Manual Essencial da Bíblia**: São Paulo, SBB, 2015.
- FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS. **Manual de Normatização para Trabalhos Acadêmicos 2017/01**. Elaborado pelo Centro de Extensão, Pós-Graduação e Pesquisa da FBMG. Belo Horizonte: FBMG, 2017.
- FERNANDES, Tomé A. **Igreja Missões & Missões**: Rio de Janeiro, Nova UFMBB, 2014.
- FIGUEIREDO, Joaquim dos Santos. **Dicionário Bíblico Universal**: São Paulo, Vida, 2013.
- GRENZ, Stanley J., GURETZKI, David, NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia**: edição de bolso; Vida. 2013.
- GRANCONATO, Marcos. **Fundamentos da Teologia da Vida Cristã**: São Paulo; Mundo Cristão. 2011.
- HALLEY, Henry Hampton; **Manual Bíblico de Halley**: tradução, CHOWN, Gordon. São Paulo, Vida, 2001.

- HENRY, Carl. **Dicionário de Ética Cristã**: Tradução, GOMES, Elizabeth; São Paulo, Cultura Cristão, 2007.
- HEXHAM, Irving. **Dicionário de Religiões e Crenças Modernas**: Tradução, PORTELA, Rogério; São Paulo, Vida, 2003.
- KIVITZ, Ed René. **A outra Espiritualidade, fé graça e resistência**: São Paulo. Mundo Cristã, 2011.
- LAWRENCE, Bill. **Autoridade Pastoral**: São Paulo; Vida. 2002.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**: Minas Gerais, Ultimato Ltda, 2015.
- LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívia Costa da Silva; DEUS, Pésio Ribeiro Gomes de. **Fundamentos da Educação Cristã**: São Paulo; Mundo Cristão. 2011.
- LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da Teologia Pastoral**: São Paulo; Mundo Cristão. 2011.
- LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego Português do Novo Testamento**: Tradução: SCHOLZ, Vilson. São Paulo, SBB, 2013.
- NEE, Watchan. **A vida cristã normal da igreja**: São Paulo, Árvore da Vida, 2003.
- NICODEMUS, Augustos. **O ateísmo cristão, e outras ameaças à igreja**: São Paulo, Mundo Cristão, 2011.
- NORONHA, Lailah de. **Manual Bíblico SBB**: São Paulo, SBB, 2015.
- PADILLA, C. René. **O que é Missão Integral?** Minas Gerais, Ultimato, 2009.
- PFEIFFER, Charles F; VOZ, Houvard F; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**: Tradução: JUNIOR, Degmar Ribas. Rio de Janeiro, CPAD, 2006.
- REID, Daniel G. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**: Tradução REDONDO, Márcio L.; MEDEIROS, Fabiano. São Paulo, Vida Nova, 2012.
- STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**: São Paulo, Atos, 2008.
- THIESSEN, Henry Clarence. **Palestra em Teologia Sistemática**: São Paulo. IBR, 1989.
- ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da Teologia Prática**: São Paulo; Mundo Cristão. 2011.